

AUTORES & LIVROS

20-6-1948
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SÉRGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,60

N.º 2
Vol. IX



Página do livro de Horas de D. Manoel, rei de Portugal.

NOTICIA SOBRE PERO LOPES DE SOUZA

Pero Lopes de Souza era português e deve ter nascido nos primeiros anos do século de quinhentos. Capistrano fixa as proximidades de 1510. Era irmão de Martin Afonso de Souza, e veio com ele para o Brasil em 1530. Comandou uma esquadra que devia explorar o Rio da Prata, lutar com os navios franceses e fundar colônias nas costas do Brasil. Cumprida a missão de explorar o Rio da Prata, teve ordem, em 1532, de regressar a Portugal. Em recompensa pelos serviços que prestou recebeu 50 léguas de costa, ampliadas para 80, compreendendo a capitania de Santo Amaro e a feitoria de Itamaracá. Em 24 de Março de 1539, partiu de Lisboa como capitão-mor de uma esquadra de seis navios que ia para a Índia. Viajava na nau Galga. Chegou à Índia,

visitou o vice-rei, D. Garcia de Noronha, e regressou a Portugal.

De volta, talvez perto de Madagascar, naufragou a Galga (1539). Nada mais se soube do primeiro donatário de Itamaracá. Preocupado com o destino do irmão, Martin Afonso de Souza enviou a sua procura Diogo Soares. Este encontrou, roubou fazendas, fez o que pôde; mas não trouxe nenhuma nova do capitão desaparecido.

Pero Lopes de Souza fora casado com uma senhora rica e poderosa, D. Isabel de Gama. Teve com ela dois filhos — Pero Lopes, que foi o segundo donatário de Itamaracá e morreu muito moço; e Martin Afonso de Souza, o moço, que foi o terceiro donatário de Santo Amaro, e morreu na Índia

em 1558, sem descendência. Teve também uma filha, D. Jeronima de Albuquerque, que casou com D. Antonio de Lima de Miranda.

Pero Lopes de Souza deixou no seu Diário de Navegação uma narrativa fria e desprovida de sabor literário. Apenas quando nele desperta o ânimo guerreiro para colar uma batalha em que se empenhou, um episódio perigoso em que tomou parte, sua forma ganha eloquência e colorido. O mais é o registro inalterável de um viajante sem maior curiosidade espiritual. Capistrano mostra, também, que ele não possuie dotes de observador, limitando-se ao contacto com as povoações e com as novas terras às observações mais vagas e superficiais.

MARTIM AFONSO DE SOUZA E PERO LOPES DE SOUZA

Foram Martin Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza fidalgos de alta linhagem. Tiveram por ascendentes a Pedro de Souza, seu avô, e a Lopo de Souza, seu pai, senhor do Prado, Pavia e Baltar, alcaide-mor de Bragança e do Castelo do Outeiro.

Dos dois irmãos foi primogênito Martin Afonso, a quem uma boa estrela deu por berge Vila Viçosa ao correr do ano de 1500 consagrado por D. Manuel como o da descoberta oficial das terras de Santa Cruz, hoje Brasil.

Coxo folgada meninice e na juventude andou na intimidade dos duques de Bragança, até passar-se ao serviço do príncipe herdeiro D. João; e neste último e honroso encargo houve-se por tal maneira, que o rei D. Manuel o afastou da Corte.

Morto o rei venturoso em 1521, seguiu Martin Afonso em 1522 para Castela, na comitiva da rainha D. Leonor, e em Salamanca veio a esposar a D. Ana Pimentel, filha dos nobres Maldonados de Espanha.

Quando fez um mês que casara, como mobilizasse Carlos V um exército para combater a França, esqueceu o valeroso cavaleiro português os agradáveis enleios do noivado, e alistou-se e partiu nas hostes imperiais para dignificar o nome de guerreiro lusitano nos combates em que se houve e dos quais foi feliz remate o cerco de Puenterrabia.

Tornado à Salamanca, ao lado dos seus amores, mais repouso teria o seu espírito para sentir a cidade universitária como centro de estudo e cultura, a que a inteligência lusitana prestava e prestaria valioso concurso, afirmado através da existência de personalidades como as de Pedro Margalho, Aires Barbosa, Francisco de Melo, Pedro Nunes e Garcia da Orta, ainda aí estudante no

Eugenio de Castro

tempo em que Martin Afonso nessa cidade residia.

O escritor conde de Ficalho, no seu primeiro livro "Garcia da Orta e o seu tempo", valendo-se de velhas crônicas por ele com largueza interpretadas, nos concede elementos para, em traços rápidos e singelos, fixarmos a personalidade de futuro capitão-mor na governança do Brasil, capitão-mor do mar da Índia e dela, mais tarde, governador.

Do caráter energético de Martin Afonso se conta que desde criança o afirmara e, singularmente, um dia, quando Gonçalo Fernandez de Córdova quis premiá-lo com um colar de grande valia que o menino recusara aceitar.

Sensibilizado com essa prova de idealismo em que anda-

va ainda tão na flor da idade, Gonçalo de Córdova ofertou-lhe a sua gloriosa espada, enviada ao depósito, por Martin Afonso com honra de cavaleiro.

Das suas qualidades de guerreiro e de político, anteriormente ao seu viver em Espanha, já algumas glórias se lhe poderiam dar; mas o período áureo delas se vem a caracterizar com a expedição ao Brasil, acrescentar-se com os seus cruzeiros em águas indianas como capitão-mor do mar, e a acrescentar-se e diminuir-se com os feitos de bravura ou de escassa honradez por vezes praticados, quando culminaram na carreira a que o destino o levava de governador da Índia.

Dele diz ainda o ilustre escritor ao correr do seu livro: "Erudito e homem de ciência, como cumpria a um legítimo filho do Renascimento; fidalgo (Continua na pág. seguinte)

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará assinante, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, cinco ou seis mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de cinco e seis mil cruzeiros.

Faça a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização.

SUMARIO

— Notícias sobre Pero Lopes de Souza;
— Martin Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza, de Eugenio de Castro.

PAGINA 18:
— Bibliografia de Pero Lopes de Souza.

PAGINA 18:
— Contacto com a terra e a gente do Brasil de Pero Lopes de Souza;
— Naus francesas, de Pero Lopes de Souza;
— Antonio Galvão.

PAGINA 20:
— A terra dos Caracalás, de Pero Lopes de Souza;
— Algumas fontes sobre Pero Lopes de Souza.

PAGINAS 21 E 22:
— O Corvo de Poe, de Mucio Leão;
— The Raven (texto inglês de Edgar Poe);

— O Corvo, tradução de Venâncio de Queiroz.

PAGINA 24:
— Evolução do Conceito de Moral — (Segunda aula do Curso de Jornalismo), de Mucio Leão.

PAGINAS 25 E 27:
— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. Segunda série — Antologia da Prosa — II. — Graciliano Ramos;
— Graciliano Ramos (nota biográfica);
— Bibliografia de Graciliano Ramos;
— Fatos sobre Graciliano Ramos;
— Minsk (conto de Graciliano Ramos);
— Final de Romance. Fuga de Graciliano Ramos;
— Autógrafo de Graciliano Ramos.

PAGINA 28:
— Alguns sonetos avulsos de Olavo Bilac.

A crítica em nossas colunas

Em nosso número de hoje, iniciamos uma seção de crítica literária — *A Vida dos Livros*. — Não se compreendia que uma publicação da natureza da nossa, deixasse de possuir uma coluna que fosse o seu pronunciamento acerca das obras que vão surgindo, que fosse a palavra, a opinião, o conselho, dados ao autor, acerca

dos livros que vão sendo editados no país.

E' intenção nossa, porém, ampliar mais e mais a orientação crítica de AUTORES E LIVROS. Esperamos poder dar início, em breve, a uma coluna de crítica teatral, e logo que for possível a outra coluna, de crítica de arte, abrangendo as artes plásticas e a música.

Aos nossos leitores

Na sua primeira fase — de 1941 a 1945 — esta publicação mereceu a carinhosa acolhida de inúmeros leitores do Rio de Janeiro e dos Estados. A muitos desses amigos anônimos ficamos devendo favores que sumamente nos foram gratos: a opinião acerca da maneira como eram apresentados os assuntos literários em nossas páginas, o que, não raro, elementos de trabalho — páginas de autores emendados, documentos fotográficos interessando a existência de grandes figuras, etc.

Reaparecendo agora, AUTORES E LIVROS desejava inspirar de novo o seu leitor, a seus amigos anônimos, as mesmas provas de consideração e de estima que teve o prazer de inspirar-lhes outrora.

Asseguramos aos leitores que é com o maior prazer que recebemos quaisquer documentos, quaisquer elementos de estudo ou de reconstituição biográfica, que prendem-se aos escritores brasileiros, mortos ou vivos, já consagrados ou ainda estreantes, nos sejam enviados.

MARTIM AFONSO DE SOUZA E PERO LOPES DE SOUZA

(Continuação da pág. anterior) nos primeiros da bravura e na corteia altiva; aventureiro na sede do ouro, na falta de escrúpulo e na largueza de consciência cingentamente manifestada; ele lembra os seus contemporâneos da República de Florença ou do Ducado de Ferrara. Afigura-se-nos ver um grande senhor italiano, um companheiro dos Médici, ou dos Este, transportado para a Índia e acaído por aquele sol do Oriente que ainda mais lhe aprivava as boas e as más paixões.

Garcia da Orta o teria por amigo e "excelente varão"; São Francisco Xavier louvar-lhe-ia, dentre as suas grandes virtudes, a piedade; D. João de Castro o daria "muito sufficiente para governar a Índia"; e Camões o sagraria imortal em seus versos mortais:

"Este será Martinho que do
O nome tem co'as obras deri-
vado:
Tanto em armas illustre em
toda parte
Quanto em conselho sábio e
idem cuidado."
(Os Lusíadas, canto X,
est. LXVII).

Na permanência em Castela é particularmente em Salamanca bom fruto haveria de colher o entendimento do nosso primeiro capitão-mor, acerca das empresas marítimas da nação rival, ora envoltas nas lendas maravilhosas de Nueva España e Castilla del Oro.

Então, não ainda experto na arte do navegar ele o seria, mas breve das coisas do mar haveria de entender.

No anseio de exercitar-se nas boas letras pátrias, também andaria, para mais tarde escrever o "Epitome" da sua vida perdido com a Biblioteca do conde de Vimleiro ou também a "Brevisima e Sumaria Relação" dos seus serviços em 1557, publicada pelo Arquivo Bibliográfico da cidade do Coimbra trezentos e vinte anos depois, e agora reimpressa no vol. II desta obra. Certo também a esse tempo como apaiado latinista haveria de aprimorar-se, para de futuro merecer do erudito Garcia da Orta, seu amigo, na Índia, os mais belos conceitos.

Em sua mocidade, contava-se ser de bom aspecto, "gentilhomem e aprazível, benigno com os inferiores, lhano para os iguais e, algum tanto indisciplinado e opinativo" ante os seus superiores. (Conde de Ficalho, obra cit.). E esse seu natural nem de outra forma se revela quando dignamente aguarda em Espanha o chamado de D. João III, de quem fora pagem estimado em companhia de seu primo D. António de Ataíde ora principal ministro na Corte, ou quando de retorno a Évora, faz parte da comitiva da rainha D. Catarina, de Portugal.

Ocorreria o regresso de Martin Afonso pelo ano de 1525. Alguns anos após se esboçaria, para logo afirmar-se, a nova fase de sua vida de marinheiro

intrépido, militar e político. A ele viria em parte associar-se a do seu irmão Pero Lopes de Sousa, marinheiro dos mais proveitosos, militar cioso da honra das suas armas e aventureiro como todo bom português daquele tempo.

Por perdido, entre outras, os escritos do padre Rougado, a data do nascimento do irmão de Martin Afonso é desconhecida, como dos dias de sua infância pouco ou quase nada se sabe. A sua mocidade, porém, se mostrou passada sempre na lide aventureira e guerreira do mar.

Chegou a gozar Pero Lopes do alto conceito de D. António de Ataíde que o tinha por "mui honrado apesar de sua pouca idade", e veio ele a merecer, não muito depois, um justo elogio do grande navegador D. João de Castro, ao dá-lo como um dos navios mais experimentados de Portugal.

Como escritor dos feitos da armada do seu "Capitão Irmão", no Brasil, ele o foi dos mais singulares através do apreciado Diário publicado quase três séculos após a morte do cronista e capitão.

De retorno Pero Lopes a Portugal, talvez em fins de 1532, a Évora e certamente em começo de 1533 a Lisboa, vitorioso dos combates às naus corsárias na costa brasileira, foi mandado em uma caravela "com Tomé de Sousa a costa de Cafim" para, logo em seguida, capitanear uma das naus da armada de D. António de Saldanha. Essa armada

unida às galés e aos galeões de Espanha, como às 400 naus do almirante genovês André Doria, velejou em 1533, sob o prestígio de Carlos V, para bater Soliman Kaeredin Barburaxa ou os inimigos da Cristandade, apoderar-se de Goletta e libertar 20.000 cativos.

Pinda esta nova cruzada mediterrânea, se a favor do Cristianismo não de menor valia ao astuto rei espanhol, tornado Pero Lopes a pátria querida, uniu-se pelo casamento cristão a D. Isabel de Gamboa, "rica herdeira da Corte". Mas, pouco tempo passado, ao mar retornou notavelmente para, durante dois anos, servir na armada guarda-costas do reino e cruzando, entre o Arquipélago dos Açores e as Berlengas, "acometer e apressar" naus da França após hábil e valeroso encontro; ou para aquêle arquipélago, aguardar e proteger o comboio de Tomé de Sousa de regresso da Índia. Talvez a seguir houvesse realizado alguma viagem ao Brasil, quando a coroa lhe dera terras a capitanear e colonizar, ou antes mesmo, como de uma ou de outra forma querem Gabriel Soares, Varnhagen e outros autores. De certo, porém, só se sabe, que a 24 de março de 1539 partiu para a Índia como capitão-mor de uma armada em que foram por capitães dos navios: Simão Sodré, D. Roque ou D. Rodrigo Telo, Alvaro Barradas, António de Abreu a Henrique de Sousa. (Ms. Armadas da Índia, 1487-1532. B.N. Rio de Janeiro: Secç. Ms. I, 4, 1-49.

ou ídem I, 3,3, 2-2, cópia códice CXV/ 1-19 da Bib. Ebo-rense).

Em esta expedição em regresso dos mares indianos, capitaneando a nau "Galega" ou "Esperança Galega", junto à ilha de "S. Lourenço" ou de Madagascar, se certamente ou não, segundo Diogo do Couto, decada 5.ª, já havendo tomado parte em agosto de 1542 na expedição de 12 galés contra o Pagode de Tremel, no reino de Bisknaga, e quando mais constante e esforçado andava na sua aventura, o que foi toda a sua curta vida, veio a encontrá-lo a morte em plena mocidade.

Em contraste, Martin Afonso só depois de capitanear e de governar o Brasil e vencer naus corsárias ou inimigas em "Águas do Brasil, no Guazarte ou na costa do Malabar", depois de desamarecer as suas próprias glórias na mesma paisagem oriental, maravilhoso teatro de suas grandezas, é que teve partido, aos 71 anos de idade, o fio da sua existência em declínio de soldado, de marinheiro e de político.

Houve Pero Lopes por túmulo o mar em que ambos lutaram e venceram, e Martin Afonso, as terras da Pátria a quem ambos tão valerosamente serviram.

(Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa — Introdução — Breves traços biográficos de Martin Afonso de Sousa e Pero Lopes de Sousa — Estudo crítico pelo Comandante Eugénio de Castro — 1940).

BIBLIOGRAFIA DE PERO LOPES DE SOUSA

- Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa — 1530-1532. — Publicado com documentos importantes, pela maior parte copiados dos autógrafos do Torre de Tombo; exornado de elucidações e notas, nas quais se trata do descobrimento do Rio de Janeiro, Rio da Prata, e Ilha de Fernão de Noreña; discute-se a questão da América, etc. etc. Procedido tudo das vidas dos dois irmãos, etc. — Tip. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis — Lisboa, 1832. — É a edição de Varnhagen. Esta obra foi descoberta por Varnhagen, em ms. existente na Torre do Tombo. Era, até então, desconhecido dos mais importantes bibliógrafos, como Barbosa Machado, que não a mencionam.
- 2ª edição — Tip. Freitas Guimarães e Cia. — R.O., 1847. Foi mandada fazer por ordem e a expensas da Assembléa Provincial de

- São Paulo, Varnhagen a dar inferior à primeira, e pôe reparo em que foi feita sem sua participação ou conselho, a sem atenção às suas recomendações, constantes da Adverência da 1ª edição.
- 3ª edição — In Revista Trimestral do Instituto Histórico, A. XXIV (1861) Ocupa de págs. 9 a 111. Trás como prólogo uma carta de Varnhagen.
- 4ª edição — Rio — 1867. É também de Varnhagen.
- 5ª edição — Rio — 1927. É copia fiel da 3ª edição (de 1861). Foi organizada por Eugénio de Castro.
- 6ª edição — Edição da Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses de 1942.
- Tráz estudo crítico de Eugénio de Castro e prefácio de Capistrano de Abreu. 3 vols., sendo o segundo de mapas.

PREMIOS ACADEMICOS

- A Academia Brasileira de Letras concedeu este ano os seguintes prêmios:
- Prêmio Machado de Assis (Conjunto de obra) — Padre Leonel Franca.
- Prêmio Artur Azevedo (Teatro) — José Montelo, pela sua Escola da Saudade.
- Prêmio Carlos de Laet (trabalhos de vários gêneros). Afrânio do Amaral, pela sua Siderurgia e Planejamento Econômico do Brasil.
- Prêmio João Ribeiro (Filologia, Folclore, etc.). A. Tenório de Albuquerque, pelo seu O Nosso Vocabulário.
- Prêmio Francisco Alvez. — Artur de Almeida Torres, pelo seu Textos Antigos.
- Prêmio Olavo Bilac (Poesia) — Paulo Bonfim, pelo seu António Triste.
- Prêmio José Veríssimo (En-

- saio, Erudição, etc.). — Jorge de Castro, pela sua Geografia da Fome.
- Prêmio Afonso Arinos (Contos e Novelas) — Foi este ano dividido em dois: Braga Montenegro, pelo seu Uma chama do vento; e Xavier Piacar, pelo seu Doze Histórias Curtas.
- Prêmio Joaquim Nabuco (História) — Moraes de los Rios, pelo seu O Rio de Janeiro Imperial.
- Como o faz todos os anos, a Academia realizará, na data comemorativa do seu grande benfeitor Francisco Alves — a 29 do corrente — a sessão pública especialmente dedicada à distribuição desses prêmios. Para então, em nome dos premiados, o escritor José Montelo.

Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa

1530 - 1532

ESTUDO CRÍTICO

PELO

COMANDANTE EUGENIO DE CASTRO

*

PREFÁCIO DE J. CAPISTRANO DE ABREU

VOLUME I - 2ª EDIÇÃO

EDIÇÃO DA

COMISSÃO BRASILEIRA DOS CENTENÁRIOS PORTUGUESES

DE

1940

Página de título do 1.º volume do "Diário de Navegação", de Pero Lopes de Sousa, edição de Eugénio de Castro, Rio, 1940.

Contacto com a terra e a gente do Brasil

Pero Lopes de Sousa

Domingo 13 dias (do mês) de Março pela manhã eramos de terra quatro leguas; e como não acháramos praia a ella reconhecermos ser a Bahia de Todos os Santos, e ao meio dia entramos nella. Faz a entrada norte-sul: tem três ilhas; hũa ao sudoeste, e outra ao norte, e a tra a noroeste: do vento sudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete oito bancas de fundo, a lugares pedras, a lugares areia, e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, entre as naos seguem. Em terra, na ponta do padram, tomai o sol em treze graus e hum quarto. Ao mar da ponta do padram se faz hũa rede de d'agua, e a lugares pedras; entre ella e a ponta podem entrar naos: ao mais baixe da dita rede ha braça e mea. Aqui tivemos tomando agua e lenha, e correando as naos, que dos temporales que nos dias passados nos deram, virham desapparelhadas. Nesta bahia achamos um homem portuguez que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e dei rezam larga do que nella havia. Os principaes homes da terra vieam fazer obediencia ao capitam I.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e ballios: mostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam I. lhes deu muitas dadiuas. A gente desta terra he toda alva: os homes mihi bem diuostos, e as mulheres mihi formosas, que nam hãam nenhuma inveja da da Rua Nova de Lisboa. Nam tem os homes outras armas senam arco e flecha; a cada duas leguas tem guerra hũs com os outros. Estando nesta bahia no meio do rio pellejaram cinquenta almadas de hũa banda e cinquenta da outra; que cada almada traz socenta homens todos apavezados de paizes pintados como os naos: e pellejaram desde o meio dia até o sol posto: as cinquenta almadas da banda de que estavam surtos foram vencedores; e trouxeram dos outros captivos, e os apatavam com grandes cerimoniaes, presos por cordas, e depois de mortos os



Martim Afonso de Sousa, irmão de Pero Lopes de Sousa. Veio para o Brasil comandando a expedição de 1530 e foi o fundador de S. Vicente. Reconstrução baseada no retrato da Galeria dos Governadores da Índia, em Goa ("Hist. da Col. Portuguesa no Brasil, vol. 1.º).

assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fatica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo consequente os que são feridos.

Aqui deixou o capitam I. dous homes, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

(Diário de Navegação)

NAUS FRANCESAS

PERO LOPES DE SOUSA

Tercer-feira 31 do dito mes no quarto d' alva vimos terra, que nos demorava a leste: chegando-nos mais a ella houvenos vista de hũa nao; e de mosas as velas todas, e a fomos demandar; e mandou o capitam I. dous navios na volta do norte, — na volta em que a nao ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio correnda arribou a terra, e mea leuam della surto e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para terra. Mandou o capitam I. a Diogo Leite, capitam da caravela Primeira, que fosse com seu batel apoz o batel

na nao: quando ja chegou a terra, era já a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos a nao, e nella nam achamos mais que hum so homem: tinha muita artilleria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meio dia nos fizemos a vela para ir demandar o cabo de Santo Agostinho: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta nao de França refrente do cabo Percauri: corre-se com o cabo de Santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do Cabo de Santo Agostinho achamos outra nao de França, que tomamos carregada de brasil.

Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam I. com duas caravelas a ilha de Santo Aleixo: porque tinhamos informaçao que estavam ali duas naos da França: fui toda a noite com o primo na nao, sondando por fundo de dez braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha men legua, em fundo de dez braças d'area grossa.

Quarta-feira primeiro dia de Fevereiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hũa nao, que cõs tarquetos ia no bordo do norte, e como a vimos me fia à vela no bordo do sul. A nao como houve vista das caravelas, deu todas as velas. Neste bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte, e ao meio dia em na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o cabo de Santo Agostinho saio o capitam I. no navio Sam Miguel com o galeão Sam Vicente, e com hũa das naos tomara dos francezes; mas vinha tanto a jula-vento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia hũa hora de sol, chegou a nao, e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous tiros: antes que fosse

(Continúa na pág. 28)

Antônio Galvão

Inocência, em seu Dicionário (vol. 1.º) deu esse autor como nascido nos primeiros annos do século XVI, na Índia Oriental. Mais tarde (vol. 8.º) deu como a uma informação que havia recebido de um dos seus leitores, segundo o qual Galvão era nascido em Portugal.

Antônio Galvão foi capitão e governador na Ásia e teve o cognome de Apostolo das Moças. Faleceu muito jovem num hospital de Lisboa, a 11 de Março de 1537.

Escreveu:

— Tratado dos descobrimentos antigos e modernos (feito até a era de 1500 com os nomes particulares das pessoas que os fizeram e em que tempo, e as suas alturas, e dos desvalizados caminhos, por onde a pimenta e a especiaria veio da Índia as nossas partes; obra de certo mais notável e copiosa.

1.ª Edição 1563. 13 de Dezembro, por João Barreira, impressor, 8.º de 80 folhas.

2.ª Edição, 1731, Lisboa, officina Ferreiriana, 14-130 pág. folio. Adornada com um retrato do autor, gravado em madeira.

Esta obra interessa sobremaneira ao Brasil, pois da noticia da expedição de 1501, omitida pelas grandes crônicas. Veja-se acerca de Antônio Galvão o estudo de Carlos Malheiro Dias — A Expedição de 1501, na "História da Colonização Portuguesa", vol. 2.º, pág. 173 a 222.

Existe uma tradução inglesa dos Descobrimientos Antigos e Modernos:

— The discoveries of the World, from their first original unto the year of our Lord 1535, by Antonio Galvão governor of Ternate. Corrected, edited, and published in England, by Richard Hakluyt (1591). Now reprinted with the original Portuguese Text; and edited by Vice-Admiral Bethune, C. B. London, printed for the Hakluyt Society, 1892. 8.º gr. de XII — 342 pgs.

OS INDIOS BRASILEIROS

PERO LOPES DE SOUSA

Quinta-feira 28 de Dezembro pela manhã abonçou a tempo; mas era contrário a partermos: e mandei hum homem por terra a ilha das palmas, donde Martim Afonso estava, a lhe dizer que se o tempo durasse, nos mandasse mantimentos, que estava em grande necessidade dello. Este dia nam comenciam sonar as coridas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquecarmos fomos dar a hum campo com muitas paos tachados e reides, nos fazia hum cerco, que me pareceu a primeira que era armadilha para capturar e depois vi muitas covas feitas, que estavam dentro do dito cerco das reides: eram vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras maças de pau, e aragales de pau testado, e as reides de pescar e as de capturar: todos estavam em contorno da sepultura, e quizesa mandar abrir as covas: depois houve mudo que acudisse gente da terra, que o homem por mal. Aqui juntas estariam 30 covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todos os paos das sepulturas: mandei-os trazer para fazermos fogo, para se fazer de comer com 2 reidos, que mudamos, de que a gente tomou muita consolação. A gente desta terra nam tem homes mihi nervudos e grandes: de resto sam mihi feos: trazem o abelha comprido: alguns delles furam os narizes, e nos buracos trazem metidos pedacos de cobre mihi luente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anilece: não trazem outra coisa consigo senam pelles e reides para fazer: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sac hum cordel de hũa braça e mea de comprido, e no cabo hũa borla de penas d'uma grande: e tiram com elle com a funda: e trazem hũas aragales feitas de pau, e hũas porras de pau do tamanho de hum covado. Nam temem outra coisa senam estas e peacado: sam mihi tristes: o mais do tempo choram. Quando morre algum delles segundo o parit'asco, assim cortam os dedos -- por cada parente hũa junta: e vi muitos homes velhos que nam tinham senam o dedo po'gar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhuma mulher consigo: nem vi mais que hũs velhas, e como chegou a nós lançou-se no chão de brucos: e nunca abençoava o rosto: com nenhuma coisa nunca folgavam nem mostravam contentamento com nada. Se traziam paos tachados, e os usavam no-lo de grava, e se lhe davam alguma mercadoria nam folgavam: mostrámo-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem haviam medo a artellaria: senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristes; nem me parece que folgavam com outra coisa.

(Diário de Navegação)

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão

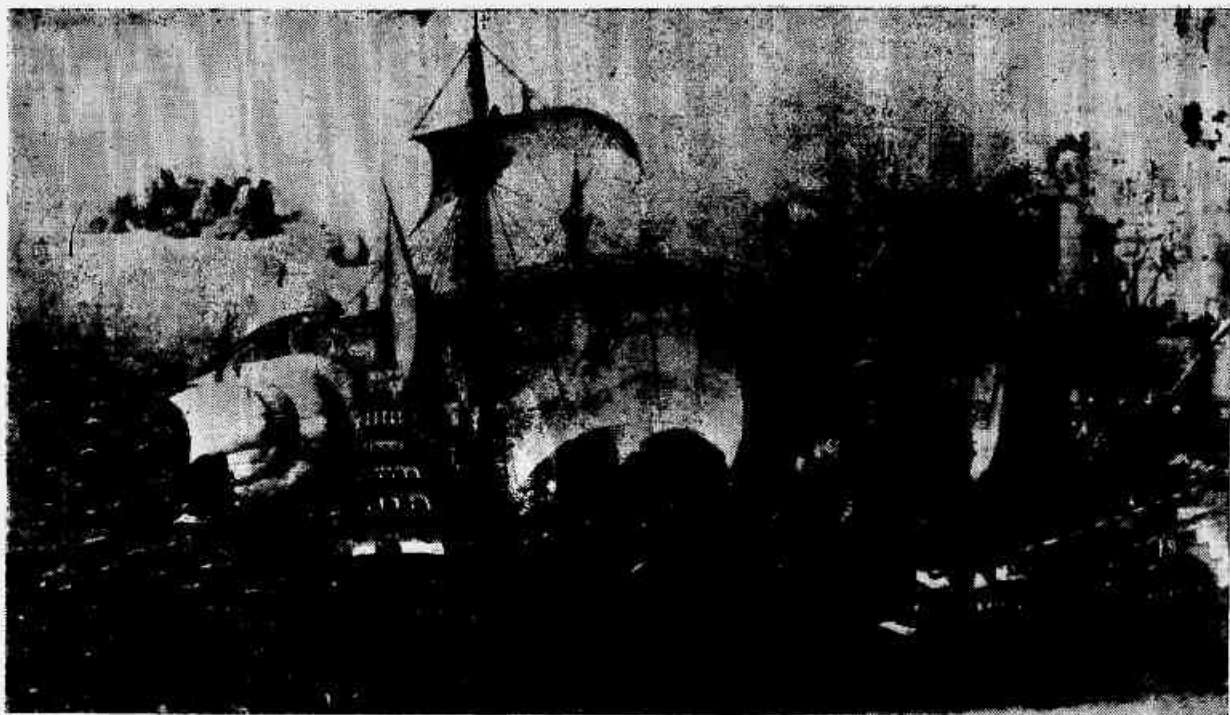
ASSINATURAS

	Anual	Semestral	Trimestral
Em todo o Brasil	Cr\$ 100,00	Cr\$ 55,00	Cr\$ 30,00
No exterior	Cr\$ 130,00	Cr\$ 70,00	Cr\$ 40,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12. and. — 47-3717
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.



Naus Manoelinas. Pintura de Gregorio Lopes (cerca de 1523). Este quadro esteve em Portugal até 1911, e acha-se hoje na Baviera. Albino Fojfaz de Sampaio, *História da Literatura Portuguesa*, vol. 1.º, p. 333.)

A TERRA DOS CARANDINS

PERO LOPES DE SOUSA

Quinta-feira 12 de dezembro
boa deste esteiro dos Carandins puz dous padrões das armas d'elrei nosso senhor, e omet posse da terra para me tornar d'aqui: porque via que nam podia tomar prática da gente da terra; e havia muito que era partido donde Martin Afonso estava: e fiquei de ir e vir em 20 dias: e deste esteiro no rio dos Beguais donde parti, me fazia 106 leguas. Aquil comel altura do sol em 33 graus e 3 quartos.

Esta terra dos Carandins ha alta ao longo do rio; e ho sarrum he toda chã, coberta de fieno, que cobre hum homem: ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e cordoneis: he a mais fermosa terra e mais aprazivel que pode ser. Eu trazia comigo alemães e Italianos, e homens que foram a India e Francezes, — todos eram encantados da fermosura desta terra: e andavamos todos pasmados que nos nam lembrava tornar. Aquil neste esteiro to-

mámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bem, que só com o pescado, sem outra coisa, se podiam manter: ainda que hum homem coma 10 libras de peixe, em nas acabando de comer, parece que nam comeu nada; e tornara a comer outras tantas. O ar deste rio he tam bom nephuma carne nem pescado apodrece: e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne 10, 12 dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa: pena menhá he quente, e ao meio dia he muito fria: quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades deo e da terra.

(Diário da Navegação)

ALGUMAS FONTES SOBRE PERO LOPES DE SOUZA

Actur Mola — *História da Literatura brasileira*. 1.º vol., pág. 291.

Capistrano de Abreu — Prefácio da edição de 1940.

Eugenio de Castro — *Estudo na edição de 1940*.

H. Perdigão — *Dicionário Universal da Literatura*.

Jordão de Freitas — *A expedição de Martin Afonso de Sousa — 1530-1532*. In *"História da Colonização Portuguesa"*, vol. 3.º.

Julio Barbuda — *Literatura Brasileira*.

Ronald de Carvalho — *Pequena História da Literatura Brasileira*.

Silvino Ferreira Paes — *As famosas armadas portuguesas*.

Varnhagen — *Diário de Navegação*, 1.º e 3.º edições.

A VIDA DOS LIVROS

AUGUSTO MEYER — *A Sombra de Estante*. (Ensaio). Livraria José Olympio, Editora. Rio, S. Paulo, 1947. 266 págs.

O admirável biógrafo intelectual de Machado de Assis confirma, nesse *A Sombra de Estante*, os seus dons de estilista, de comentador, de crítico, de psicólogo; e também de poeta. Estuda assuntos da cultura brasileira e da cultura universal, assuntos que demos, estão de há muito incorporados a seu espírito. Não é um improvisador de erudição; é, ao contrário, um sedimentador (se com isso podemos dar a tradução exata do nosso pensamento) de idéias, de meditações, de conhecimentos de todas as esferas literárias.

E' raro, raríssimo, no terreno da critica brasileira, o aparecimento de um livro do nível deste.

Achamos que deveria ter-lhe

sido atribuído o Prémio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.

Também de vez em quando convém retribuir com alguma coisa prática os verdadeiros valores, aos quais em geral só sabemos dar — quando a damos... — a moeda inflacionadíssima de um vago elogio verbal...

BEZERRA DE FREITAS. *Forma e Expressão no Romancismo Brasileiro*. (Do período colonial à época post-modernista). Capa e ilustrações de Santa Rosa. Irmãos Pongetti, Editores. Rio, 1947. 364 págs.

Estuda-se aí o romance brasileiro, desde a época colonial até a post-modernista. Como já viramos no estudo do sr. Olívio Montenegro, dedicado ao mesmo território literário, é, em muitas partes omissa, e aqui e ali expressa uma opinião de partido.

BEZERRA DE FREITAS. *20 Poetas Ingleses*. (Ensaio). Capa e ilustrações de Santa Rosa. Editora A Noite, 216 páginas. Rio, 1948.

E' uma coletânea de ensaios criticos acerca de vinte poetas ingleses, começando em Tenny-

son e findando em Stephen Spender.

A cada um desses autores deu o critico brasileiro uma página de apreciação, e de cada um deles deu a tradução de um trabalho especialmente característico. Seu livro partilha, assim, de uma obra de informação critica e biográfica e de uma antologia.

Traduzir poetas ingleses, e traduzir os bem, é privilégio dado a poucos. O lirico inglês é sempre enevoado, misterioso e etereo. E' sempre um ser complexo, que diríamos palrar além das categorias terrenas, na região longínqua e difusa em que vivem os arcanjos e em que rutilla Ariel. Como traduzir criaturas assim etéreas e fugitivas?

Traduzir os poetas latinos, ou os francezes, que em geral são uns e outros claros e lineares, é fácil relativamente; e são muitas as traduções — boas ou sofríveis — que dos maiores deles existem. Mas traduzir um pensamento vago e flutuante, como o de Keats, por exemplo?...?

A essa tarefa dedicou-se o sr. Bezerra de Freitas.

Eis um dos poemas por ele traduzidos:

PENSO CONSTANTEMENTE NAQUELES... STEPHEN SPENDER

Penso constantemente naqueles que, na verdade, foram grandes. Que, na sua origem, lembravam a alma da história — através das galerias luminosas, onde as horas são sóis infinitos e cantantes. Naqueles cuja ambição predileta era que seus lábios, ainda cheios de fogo, falassem do espirito, coberto na forma e na essência pelo tanto.

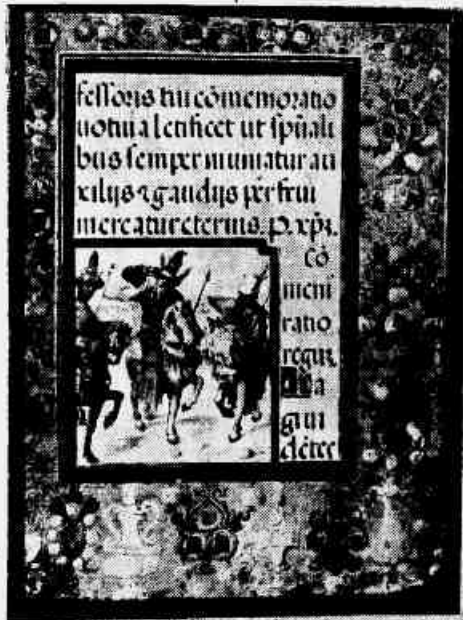
E que os ramos primaveris recolhessem Os desejos que caem sobre seus corpos como flores.

O que é preciso jamais esqueceremos. O prazer intrínseco do sangue extrahido de fontes seculares. Que se quebrem de encontro às rochas dos mundos ante a nossa terra.

Nunca neguemos o seu prazer à cândida luz matinal. Nem a sua ansin noturna de amor. Não permitamos que o tráfico gradualmente sufoque. Com o seu ruído e cerração, a florescência do espirito.

Junto à neve, junto ao sol, nos prados mais altos Vemos como são saudados pela relva ondulante. Pelas flâmulas de nuvens brancas, E o sussurro do vento no céu silencioso. Os nomes daqueles que, em vida, por esta lutaram. E sentiram no coração um fogo ardente. Vinhos do sol, para o sol desde logo se voltaram. Deixando no ar vivido a marca da honradez.

Para remessa de livros: Fernando Mendes, 7, Copacabana.



Outra página do Livro de Horas, de D. Manoel, rei de Portugal.

"O CORVO", DE EDGAR POE

MUCIO LEÃO

A PRIMEIRA PUBLICAÇÃO DO POEMA

Entre os centenários de 1946, um mereceu, sem dúvida, a mesma atenção mais carinhosa: é o centenário de *O Corvo*, o famoso poema de Edgar Poe.

Foi ele publicado, pela primeira vez, em 29 de Janeiro de 1845 no *Evening Mirror* de Nova York, jornal de que naquela ocasião, Edgar Poe era um dos redatores. O poema apareceu naquele número do *Evening Mirror*, apresentado por algumas palavras da redação, palavras, que os editores de Poe (*The Cameo Edition*, em dois vols.) imaginam ser da autoria de N. P. Willis. Nessa nota dizia-se que *O Corvo* tinha sido copiado do segundo número, então a sair, da *American (Whig) Review*.

Como título, no número de Fevereiro da *American Whig Review* teve o poema a sua segunda impressão, precedido por algumas palavras de explicação, e mesmo de louvor — palavras que os editores de Poe imaginam inspiradas, senão escritas, pelo próprio poeta. Ali, naquelas quarenta ou cinquenta linhas de apresentação de *O Corvo*, analisava-se o poema com tanta minúcia, dá-se tão nítido esclarecimento acerca de sua sábia, e complexa arquitetura, que aquela nota já parece antecipar a *Filosofia da Composição*, o famoso estudo no qual Poe havia de explicar *O Corvo*, procurando dar a uma obra que lhe saíra do espírito, ditada pela força dominadora do inconsciente, uma explicação fria, matemática, esterilmente algebrica.

O Corvo teve um êxito universal, e poucos poemas terão obtido, diante dos leitores de todos os países, a voga que ele alcançou. E por quê? Os motivos estão implicitamente explicados naquela *Filosofia da Composição*, a que se aludia há pouco. E consistem em muitas das coisas que nos explica Poe, e que existem, também, em muitas outras coisas que ele omitiu. Consistiram sobretudo, nessa atmosfera de intenso mistério, de que o poeta conseguiu impregnar o seu poema — ele que, aliás, construiu toda a sua poesia dentro dessa mesma atmosfera de mistério. E consistiram naqueles elementos de beleza e de melancolia, que Poe procurou em primeiro lugar, quando deliberou criar o seu poema: na evocação clara sempre, e sempre difusa, daquele elemento que é a coisa por excelência poética na terra — a morte de uma mulher formosa; e na imagem daquele pássaro sinistro, sinistramente vindo da noite, e transmitindo à cena em que o poeta se move toda a imensa dor da noite que é, afinal de contas, toda a dor imensa da morte.

Não acredito, realmente, que uma obra como *O Corvo* houvesse saído, jamais, de uma região consciente, do espírito de um poeta. E quando o autor do maravilhoso poema nos afirma que tudo ali é arquitetado, é geométrico, é susceptível de fria análise, realiza mais um daqueles trabalhos de mistificação sobre os leitores, nos quais sempre se mostrou tão exímio. A verdade, é que Lenora, e sua poesia, imorta e melancólica, estava na de há muito, no espírito do poeta. Seus intérpretes e seus críticos têm, decerto, procurado a gênese do poema em coisas, das quais estaria impregnado o es-

pírito de Poe. Têm procurado encontrá-la, por exemplo, em uma balada de Bürger, chamada também *Lenore*, e que havia tido grande voga entre os leitores de língua inglesa. O próprio Poe, porém, já vinha de há muito impressionado com essa figura de Lenora, e a uma poesia com esse título, sob várias formas e em várias ocasiões, havia desde 1838 dado publicidade. E quem leu esta primeira celebração a Lenora sabe que aqui já encontrará — menos o pássaro da noite, sob toda a atmosfera dolorosa e trágica de *O Corvo*.

Acreditado, de resto, que é uma tarefa estéril, esta de se procurar a filiação de *O Corvo* — de se procurar saber em que poetas foi Poe encontrar a sua Lenora, do se procurar saber onde é que ele foi descobrir o seu corvo. Há quem afirme que Poe transportou o seu pássaro de uma novela de Dickens. Há quem diga que ele o foi buscar aos versos de um seu contemporâneo, Chivers. Tocamos aqui o problema universal das impressões literárias. E por menos favorável que queiramos ser aqueles que, como Mollière apontam o seu bem onde quer que o encontrem, e que podemos dizer é que Lenora pertence unicamente a Poe, porque foi ele quem, com os elementos que teve, conseguiu criar esta coisa misteriosa e definitiva — uma obra-prima. Os outros, aqueles que supostamente o terão inspirado não conseguiram tanto.

II

OS TRADUTORES BRASILEIROS DO "CORVO"

Pedindo perdão aos especialistas dos assuntos de bibliografia, tentarei fazer uma ligeira nota bibliográfica acerca dos tradutores brasileiros de *O Corvo*, de Edgar Poe.

Ao que posso saber, o poema foi pela primeira vez publicado no Brasil, em tradução de nossa língua, em 1885. Era a versão de Venâncio de Queiroz poeta paulista, autor das *Renas do Diabo*. Essa versão apareceu no *O Mesquitero*, número de 20 de Abril, e é em prosa.

Em 1837, fez Pontoura Xavier a sua tradução, que datou de Baltimore. E também em prosa, e foi recolhida à coletânea das *Opalas*. Trás dedicatória ao Conde de Afonso Celso.

A tradução de Machado de Assis apareceu na edição das *Poesias Completas*, em 1901. O grande escritor não se contentou, como Venâncio de Queiroz ou Pontoura Xavier, em fazer uma simples tradução em prosa. Sabendo, embora, que a tradução em verso do Corvo oferecia dificuldades asperíssimas a elas se aventurou. Fez uma pequena alteração no plano poético, pois transformou em rimas exteriores tudo o que no Corvo são rimas interiores. Procurou, porém, dar aos versos em português uma disposição simétrica em cada estrofe, disposição que tanto quanto possível correspondesse à sábia, misteriosa e complexíssima disposição dos versos no original.

Seguiu-se a tradução de Esdras Dória, a qual foi publicada em os ns. 8, 9, 10 de *Alameda*. Essa *Alameda* era uma revista que existia no Rio de Janeiro, e tinha como seu diretor o jornalista Trajano Chacón, aquele que, mais tarde, na época das salvação, foi miseravelmente assassinado em Pernambuco, em plena rua Nova, por uma bandido que lhe abriu a cano de ferro a cabeça. Processos políticos do meu doce Pernambuco de trinta anos passados.

Mas a *Alameda* oferece uma particularidade notável: é uma

revista que não trás nenhuma indicação de data! Fiquel sabendo que o exemplar em que se encontra a tradução de Esdras Dória deve ser de 1903. A tradução de Esdras Dória é feita em versos decâmetros, sendo os versos decâmetros, menos o quinto e o décimo, que são alexandrinos.

Em 1916, publica João Kopke duas traduções de *O Corvo* na *Revista do Brasil*, sendo uma em prosa e a outra em verso. A tradução em verso está disposta em estrofes de quatorze versos alexandrinos cada uma, disposição esta que altera fundamentalmente a fisionomia do poema. Apaixenado de Poe e de sua estética, João Kopke publicou também, como uma espécie de apresentação de suas duas traduções, um longo estudo acerca do Corvo, estudo em que não discutidas as teorias da *Filosofia da Composição*, curtosimais caído, em que Poe narra como chegou a realizar o seu poema.

Em 1917, Emílio de Menezes, deu, em suas *Últimas Poesias*, outra tradução do Corvo. St. João Kopke alterna a fisionomia do poema, por compará-lo em uma série de estradas alexandrinas. Emílio de Menezes foi mais aciente: abandonou-se a traduzir o poema em uma série de 13 sonetos também alexandrinos!

Em 1927, apareceu a tradução de Gondim da Fonseca. Procurava dar esta correspondência ao original americano, formando estrofes de cinco versos, cada um deles de dezesseis sílabas, e fundando cada estrofe com um verso de oito sílabas rimando em mais, correspondente ao inglês *more*. Em 1931 Gondim da Fonseca tornou a publicar a sua tradução no volume *Poesias da Angústia Alheia*, fazendo-a acompanhar da tradução de Machado de Assis e do original de *The Raven*. Completavam esse livro a tradução de Confissão, de Paul Claudel, e a da *Balada do Carreiro de Reading*, de Oscar Wilde.

Em 1944, Milton Amado publicou nova tradução do Corvo, procurando também respeitar a disposição das estrofes e dos versos de Poe. Fez em estrofes de cinco versos de dezesseis sílabas, os quais podem, como os de Gondim da Fonseca, ser distribuídos em quatro versos de quatro sílabas, fundando cada estrofe com um sexto verso de oito sílabas, rimando sempre na palavra *mais*.

III

OUTROS TRADUTORES DE "O CORVO"

Reuni acima algumas notas referentes a dez versões do famoso poema, devidas a diferentes autores. Parece-me um número bem largo. Mas, ao que parece, o amor dos brasileiros pelo Corvo é um capitulo importantíssimo de nossa ornitológica literária e sentimental. E tenho verificado, por informações de amigos ou mesmo de desconhecidos, que o número de tradutores brasileiros do Corvo deve ser bem maior do que supomos.

Trago, pois, duas novas informações a cerca do assunto, e amais referindo-se a poetas mineiros.

O primeiro deles é Honorio Armond. Terá feito uma tradução do Corvo, mas nunca teve ocasião de vê-la. Possuo

dele poeta apenas um livro. — *Les Voix et les Bonheurs*, e pouco conheço de sua vida. Sei que é professor do Colégio Estadual de Barbacena, em Minas. E sei também que em substituição a Alphonsus de Guimarães falecido em 1921, foi eleito príncipe dos poetas mineiros. Como digo, não conheço a tradução de Honorio Armond, e nem sei sequer se esta exata a informação de que ele traduziu o poema de Poe.

Outro tradutor do famoso poema é Americo Lobo, poeta e político mineiro.

Americo Lobo nasceu na cidade de Campanha e era o mais velho de uma longa série de irmãos. Entre estes contava-se Fernando Lobo, figura das mais eminentes e prestigiosas na primeira fase da República.

Nasceu em 1841. Americo Lobo formou-se em direito, pela Faculdade do S. Paulo, em 1873.

Logo depois de formado foi juiz municipal de Ponso Alegre. Abandonou a magistratura pela política, e filiou-se ao partido liberal. Em 1867, no 129.º Legislativo, veio para a Câmara, pelo 1.º Distrito de Minas. Em 68, dissolvida a Câmara, abandonou o partido, passando a fazer a propaganda da República. Foi também um dos paladinos da Abolição.

Pela mudança de regime, foi Americo Lobo em 1890 nomeado governador do Paraná. Em 91 veio para o Senado Federal, eleito por Minas para a Constituinte. Em 94 foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal.

Faleceu nesta cidade, em 1903.

Poe não desprovido de mérito, era o oráculo literário de muitos amigos e admiradores. Lucio de Mendonça, na primeira mocidade, submetta ao gosto de Americo as poesias que compunha.

Grande admirador de Longfellow, Americo Lobo publicou, em 1887, a sua coletânea — *Poesias norte-americanas*. Ali incluiu três dos principais poemas de Longfellow: — *Poesias da Escravidão*, *Evangelinas*, e *Canto de Hiawatha*. O livro saiu na Imprensa Oficial.

Morrendo Americo Lobo em 1903, em 1918, seu filho, o Desembargador Americo Lobo Júnior, organizou nova coletânea dos versos paternos e publicou as *Poesias (Tip. de A. Sapucaia)*.

E nessa coletânea póstuma que se encontra *O Corvo*, cuja primeira publicação surgiu no *Jornal do Comércio* desta Capital em 7 de Agosto de 1892.

Tecnicamente, parece que Americo Lobo não teve nenhum propósito de encontrar uma exata adaptação para o Corvo em nossa língua. Adotou para poema o verso decassílabo, dispondo cada estrofe em uma oitava portuguesa, na qual rimam, independentemente, as duas quadras. Assim ficou supressa aquela rica variedade de ritmos que constitui, sem dúvida, um dos sortilégios do estranho e maravilhoso poema.

Nem sequer adotou o sistema de Machado de Assis. O grande escritor, ao traduzir *O Corvo*, não se aventurou aos ritmos de 16 sílabas — os quais aos seus olhos de bom seguidor dos preceitos poéticos do velho Castilho, haviam de aparecer como verdadeiros atentados contra a tradição de nossa poesia. Preferiu dividir cada verso em dois ou três de dimensões menores, e obteve assim, pela variedade de ritmos, efeito seme-

lhante ao que dá o verso largo e solene em que Poe escreveu seu poema.

Americo Lobo não quis adotar semelhante partido. E ficou em verso monótono, no decassílabo de uma cadência quase uniforme. Creio que esse será o principal defeito de sua tradução. (1)

*
*
IV

A PALAVRA "NEPENTES"

Os tradutores do Corvo, encontram entre as várias dificuldades que o poema apresenta, uma, que para muita gente é verdadeiramente intransponível. Está na estrofe décima quinta do poema — estrofe que, por sinal, marca o clímax do mistério do Corvo, pois é aquela em que Poe percebe que o ar se encontra impregnado de um incenso invisível, vertido pelos anjos, agora companheiros de sua extinta Lenore.

Diz assim a estrofe:

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer Swung by Scaphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.
"Wretch!" I cried, "thy God hath lent thee by these angels he hath sent thee Respite-respite and nepenthe from thy memories of Lenore!"
Quaff, O quaff this kind nepenthe, and forget this lost Lenore!"
Quoth the Raven, "Nevermore!"

A dificuldade da tradução dessa estrofe está principalmente na palavra *nepenthe*, que nela duas vezes ocorre.

Pareceu-me de interesse examinar, com os elementos que tenho à mão, essa palavra *nepenthe*. Verifico que *nepenthe* é uma planta dos climas tropicais, uma dessas plantas mais hábeis do que as outras; que aprenderam o segredo precioso de devorar insetos. O prestante Jackson diz que, no Borneu, os indígenas usam o suco dessa vegetal, e com ele fazem uma bebida, excelente no facilitar a digestão. — Já como aviso aos nossos peritos droguitas.

Desse sentido primeiro, que pode ser estudado em qualquer livro de botânica, é que o *nepenthe* passou a designar a bebida celebrada por Homero, bebida que será, portanto, o próprio suco da planta.

Nepenthe — vejo agora no Webster *International Dictionary* — é uma poção ou droga usada pelos antigos para dar o esquecimento das dores ou das tristezas. Alguns supõem ser o opio ou hashish.

Na *Odisséia* encontramos uma referência muito expressiva a essa planta do esquecimento. A procura de informações acerca de seu pai, o jovem Telemaco chegara à vasta e cavada Lacedemônia, terra de Menelau. E ali, recebido no palácio do rei, o filho de Ulisses teve a glória incomparável de poder ver Helena... "Helena saiu da alta câmara nupcial, perfumada, semelhante a Artemis, que usa um arco de ouro"... E Menelau e Helena põem-se, então, a lembrar a Telemaco os dias passados, os episódios deslumbrantes da guerra de Troia, as figuras incomparáveis dos heróis mortos e as daqueles cujo destino está ignorado. E entre tantos heróis assim recordados, se encontra o divino Ulisses... Tantas avocações trazem a todos uma saudade ardente. E todos se põem a chorar, Menelau, Helena, Telemaco, o filho

"O CORVO", DE EDGAR POE

de Nestor, que também está presente... E então, para melhorar a dor daquelas desconhecidas saudades, que Helena resolve colocar no vinho, que está servido nas salas, o licor do esquecimento... "E então Helena, filha de Zeus, teve outro pensamento, e sem demora, deixou ao vinho, que estavam bebendo um cántaro, e Nepentes, que é o esquecimento dos males..." E o poeta explica então o que é esse bálsamo Nepentes: "Aquele que tiver bebido essa mistura não poderá mais derramar lágrimas, durante um dia inteiro, mesmo se seu pai e sua mãe morrerem, mesmo se vir matarem com o aço, diante dos seus olhos, o seu irmão ou o seu filho bem amado. A filha de Zeus possuía esse licor excelente que lhe tinha dado Polidama, mulher de Thés, no Eto; terra fértil que produz muitos bálsamos, uns salutaríssimos, outros mortais..." (Odisséia, Rap. IV).

Essa é a informação que Homero passou acerca do Nepentes. Foi esse bálsamo que os Sertãos trouxeram, tantos séculos depois, para desfazer os sofrimentos e as saudades do infeliz amante de Lenora...

E curioso ver como os tradutores de Poe conseguem atravessar esse escolho. O maior deles, Machado de Assis, passa por cima da dificuldade, vertendo assim os versos em que aparece o Nepentes:

"Muito sensível
Manda depressa à dor que te
[deve]
Destas saudades mortais.
Ela, esquece, ela olvidou essa
[extinta] Lenora".

Venceslau de Queiroz (tradução em prosa) também passa por cima da dificuldade, substituindo nepentes por esquecimento: "Desgraçado, bradei contra mim mesmo, o Deus de tua criança, por intermédio de seus anjos, envia-te repouso e esquecimento" as saudades e angústias que te ralam o seio... (O Mequitrêre, 20-4-1885).

João Kopke traduz o nepente de Poe como óvido. (Rev. do Brasil, Jan. 1917). Fontoura Xavier (tradução em prosa) não parece advertir-se da dificuldade: "Desgraçado, murmurei: o teu Deus levanta para sempre, deixando a tua lembrança como tormento da tua saudade... detem-te... detem-te numa senda e esquece, de uma vez a tua morta Lenora..." (Opélas, 4.ª edição).

O infidelíssimo Emílio de Menezes — tão infiel que se deu ao esporte de traduzir O Corvo em sonetos, e que duros, que pavorosos sonetos! — foi, nesse ponto, fiel, e eis como conseguiu vencer a dificuldade:

"Infelizes! Infelizes! Um dem de pie-
[doso e insano,
Fêz os anjos te manda o repou-
[so e a alegria!
O nepentes é o sono: El-lo,
[bebe] El-lo, es-
[quece!"]

(Última Rimas)

Escragnolle Doria também notou o nepentes:

— Miserável, disse eu, Deus
[bem me ouve
Por seus anjos me dando a des-
[tinação]
O repouso melhor que jamais
[houve,
Bebe, oh! bebe o nepentes sem
[tardeança,

(Ateneida, ns. 8, 9, 10)

Também Gondim da Fonseca notou a palavra:

"Este infeliz — eu exclamei,
[Deus apiedou-se
[dele]
"Crime-te! crime-te e domina

[casas saudadas de
[Lenora;
"Bebe o nepente benzefazejo: Ol-
[vida a imagem de
[Lenora!"]

(Poemas da Angústia albeia)

Igualmente Milton Amado encontrou a solução da tradução no vocábulo nepentes:

"Serve o nepentes. Sorve-o,
[agora! Esquece,
[olvida esta Le-
[nora!"]

(Pensamentos da América,
24-12-1944)

V

O BALSAMO DE GALAAD

Outra dificuldade com que lutam os tradutores do Corvo encontra-se na estrofe 15.ª, no trecho em que o poeta alude ao bálsamo de Galaad:

"Prophet!" said I, "thing of
[evil! — prophol
[still, if bird or
[devil!
Whether tempest sent, or whe-
[ther tempest, son-
[sed there here
[ashore,
Desolate, yet all undaunted, on
[this desert land
[enchanted,
On this home by terror haunt-
[ed, — tell me tra-
[ly, I implore,
Is there, — is there balm in
[Gilead? — tell me,
[tell me, I im-
[plore!
Quoth the Raven, "Nevermore!"

No verso quarto dessa estrofe encontra-se uma alusão a certa passagem de Jeremias — cap. 8 vers. 21-22. Diz assim Jeremias:

"Euper contritione filias popu-
[li mei contritus
[sum, et contri-
[tus;
stupor obtulit me.
Numquid resina non est
[Galaad?
aut medicus non est ibi?
Quare igitur non est odoratus
[terrestris filias po-
[puli mei!"

A esse trecho, Figueiredo deu a seguinte tradução em português:

"Quebrantado estou, e enfi-
[recido pela dor da
[filha do meu po-
[vo; o espanto se
[apoderou da mim.
Acaso não há resina em Ga-
[laad? ou não se
[acha lá médico?
[Por que razão
[logo não tem en-
[fermeiro a ele-
[triz da filha do
[meu povo?"

O tradutor inglês da Bíblia, (refiro-me à chamada King James Version) verte o versículo de Jeremias em que se fala de Galaad, com estas palavras:

"Is there no balm in Gilead?" pondo, como está acima, em itálico, as palavras is there. E exatamente essa a expressão que encontramos em Poe sendo de observar que também o poeta americano deixa em itálico o verbo, "is", que acompanha Galaad — "Gilead" em inglês.

Galaad — encontro agora em uma nota de João Kopke, escrita mesma à margem dessa passagem de Poe — é uma palavra árabe "jau ad", que significa áspero, rude. Tornou-se

se nome um distrito montanhoso da margem oriental do Jordão, cujos limites são incertos no Velho Testamento. Sendo embora um nome que designa aspereza e hostilidade, Galaad era uma região de belos arvoredos, opulenta, nas imediações do regato Jabbock, em curvaturas e terebintos.

Renan diz que Galaad tem a significação de "lugar do testemunho", e acrescenta que é um lugar santo, no qual se faziam sacrifícios, libações, festas de aliança desde a mais alta antiguidade. O autor da "História do people d'Israel" identifica esse lugar com lugares designados com outros nomes nos velhos cronistas do povo de Deus: Mispa, Missép Galaad, Ramot Missép, Ramot Galaad.

As tribos que habitavam a região de Galaad parece terem sido das mais fantasiosas, das mais imbuídas de poesia, entre quantas conhece o Velho Testamento. Ali nasceram diversas lendas encantadoras, e entre estas uma das mais famosas histórias que os homens ainda conheceram: a história da filha de Jette. Sabe-se que Jette era um chefe guerreiro que, tendo partido para um combate contra os filhos de Amom, deixou em casa uma única filha, mocinha, a quem adorava. No decorrer do combate, recendo a derrota, fez uma promessa ao seu Deus: se vencesse, sacrificaria-lhe, ao chegar em casa, o primeiro ser vivo que atravessasse a soleira de sua casa, indo ao seu encontro. E, feita a promessa, obteve uma vitória estrondosa: destruiu vinte cidades, desde Aroer até Mennulith, e nunca os filhos de Amom foram tão humilhados pelos filhos de Israel. Assim, regressou ele como triunfador. "Mas, voltando Jette para sua casa, em Masfa, eis que saiu a recobrá-lo, dançando ao som de tambores, sua filha única; porque não tinha outros filhos".

E Jette se viu na obrigação de sacrificar a sua própria filha! A menina, porém, pediu ao pai que lhe concedesse dois meses da vida, a fim de que ela pudesse ir para as montanhas, com as suas companheiras, chorar a sua virgindade. Jette acedeu, e ela partiu para as montanhas. Durante dois meses ali esteve, realmente, com as amigas da mesma idade, chorando uma virgindade que ia morrer tão cedo. Ao cabo de dois meses, foi feito o sacrifício. "E daquela vez o costume de Israel, e se tem conservado o uso, de uma vez cada ano se juntarem as filhas de Israel, para chorarem a filha de Jette de Galaad durante quatro dias..." ("Juizes" — XII).

Isso é o que podemos saber sobre Galaad. Agora — por que a pergunta do velho Jeremias: "não há bálsamo em Galaad?" — pergunta que é a mesma de Poe? Acaso se referirá ele a um simples fato material, a produção de resinas e mirras, que era abundante em Galaad, como o podemos ver no capítulo 37 do Gênesis, em que nos são mostrados numerosos camelos que transportavam aqueles produtos de Galaad para o Egito? Ou será uma alusão mais poética — uma alusão à dor imensa de Jette, que não encontrava bálsamo para minorar o desespero de sua alma, diante do fato inexorável, o de ser forçada, por uma promessa, a sacrificar uma filha adorada? uma alusão, enfim, à tristeza da filha do chefe guerreiro, chorando desconsoladamente, nas montanhas, em companhia de suas amigas, a sua miséria virgindade que ia morrer inutilmente? Creio que a expressão se

prende de preferência a esse último sentido, por assim dizer, moral.

Agora, podemos ir ver como venceram a dificuldade os tradutores brasileiros de Edgar Poe.

Machado de Assis, a exemplo do que já fizera com a palavra "nepentes", não se advertiu da palavra "Galaad". Eis o verso que em sua tradução corresponde àquele de Poe:

"Diz-me: existe acaso um bálsamo no mundo".

Venceslau de Queiroz leu Judéia onde estava Galaad: "Diz-me, sinceramente, eu te suplico: existe, existe ainda, no mundo, algum bálsamo da Judéia para a minha dor?"

João Kopke omitiu simplesmente a palavra "Galaad", como também omitira a palavra "nepentes".

Emílio de Menezes — contingência da rima! — também encontrou solução na palavra "Judéia":

"Existe um mendas bálsamo da
[Judéia
Que da saudade a dor nos ar-
[ranca da idéia?"

Fontoura Xavier não se advertiu da delicadeza do trecho, e assim o verteu: "Dize-me, em te suplico, poderás encontrar por ventura um alívio à minha dor?"

Escragnolle Doria também não deu sentido preciso ao trecho:

"Diz: pode contar-se com o
[auxílio de um bá-
[lsamo na vida?"

Gondim da Fonseca encontrou uma correspondência feliz para o texto americano:

"Existe bálsamo em Galaad?
[Existe, fala, ó Cor-
[vo! Fala!"

Milton Amado também se saltou galhardamente da dificuldade:

"Existe um bálsamo em Ga-
[laad? Imploro! Di-
[z-me em ver-
[dade!"]

ponto em itálico o verbo existe, tal como está no texto inglês.

(1) Algumas das informações referentes a Américo Lobo que acima acabei de dar, foram-me, por muita gentileza, mandadas pelo Sr. Antonio Lobo, que acréscito desse tradutor de Poe me escreveu longa carta.

Como a carta a que aludo me parece trazer informações interessantes, peço licença para transcrever aqui os seus trechos principais, referentes a Américo Lobo e a sua tradução do Corvo.

Eis, pois, a carta do Sr. Antonio Lobo, no trecho que pode interessar ao leitor: "Rio, 27 de Fevereiro de 1945 — Ao Exmo. Dr. Mucio Lobo

— Muito saudar. — Tenho acompanhado, com a devida atenção, as suas interessantes contribuições sobre os tradutores brasileiros do Corvo, de Edgar Poe. Surpreendeu-me, porém, o fato de que, nem mesmo na súmula histórica de 16 do corrente, houvesse a mínima referência à versão publicada no Jornal do Comércio desta Capital, em 7 de Agosto de 1892, com a assinatura de Américo Lobo, então senador pelo Estado de Minas Gerais.

O falecimento de Américo Lobo ocorreu a 1.ª de Outubro de 1903. Seu afetuossíssimo filho, o Desembargador Américo Lobo Júnior, não há muito desaparecido, editou, em 1918, em Sapucaia, Estado do Rio, uma coletânea de traduções de Américo Lobo, onde figura O Corvo, com algumas correções feitas de acordo com o manuscrito deixado pelo autor.

Sou naturalmente suspeito para julgar esse trabalho, mas creio que o mesmo não desmerece o talento daquele parlamentar e político mineiro. Não obstante alguns senões, oriundos da formação romântica do tradutor, não está viciado no estilo água dormente de Machado de Assis. Sua frase é colorida; o ritmo largo; o tom emotivo se mantém em toda a composição, culminando nas estrofes finais.

Tal a versão de Américo Lobo que não é, de todo, um desconhecido em nosso meio cultural. Suas traduções da Evangelina e do Hwathá de Longfellow, foram carinhosamente recebidas pela crítica: Poderia atribuir-se à amizade do parecer do Valério do Rezende, Joaquim Serra e Lucio de Mendonça; mas, ainda recentemente em conferência proferida em Belo Horizonte a inserção no Jornal da Comércio, do Rio de 30 de Janeiro de 1944, o culto escritor norte-americano, Sr. Charles Lyon Chandler, emitiu a opinião de que nenhum dos brasileiros que, anteriormente, haviam traduzido a Evangelina, alcançara "a profundidade de percepção da linguagem inglesa e a arte sutil de interpretar o poeta de Cambridge, que tinha o mineiro Américo Lobo".

Assim me escreveu o Dr. Antonio Lobo, e quero aqui agradecer-lhe a contribuição que ele me trouxe para o conhecimento de mais este tradutor do Corvo.

Uma coleção de AUTORES E LIVROS

Vende-se uma coleção completa da primeira fase de AUTORES E LIVROS, constituída de 8 volumes, em perfeito estado. Preço: 5.000,00. Tratar à Avenida Venezuela, 27, 4.º andar, Sala 408-B, das 11 às 16 horas nos dias úteis.

Errata do número anterior

Escaparam-nos no número anterior alguns pequenos erros de revisão, que o leitor facilmente terá corrigido. Os mais importantes foram os seguintes:

- No cabeçalho deve ler-se ANO VIII, onde se achava ANO IX;
- Na "Notícia sobre Fero Vaz de Caminha" (2.ª coluna, da 1.ª página), deve ler-se: "Se é por ser português, tanto é estrangeiro o Caminha quanto Anchieta ou Bonifácio";

- Teixeira", na mesma coluna, onde se lê PROSOPEIA, lê-se PROSOPEIA;
- Na página 11, 3.ª coluna (UMA CANDIDATURA ACADEMICA) onde se lê LIBRA ATICA, lê-se LIBRA ATICA;
- Na página 12 (CRONOLOGIA DA CARTA DE FERO VAZ DE CAMINHA) coluna 2.ª, onde se lê DO GABINETE ROMANISTA, lê-se DO GRANDE ROMANISTA;

THE RAVEN

EDGAR POE

Damos a seguir o original do poema de Poe e a coleção das traduções que conseguimos reunir:

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak
[and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten
[lore —
While I nodded, nearly napping, suddenly there came
[a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my cham-
[ber door.
"This some visitor?" I muttered, "tapping at my
[chamber door —
Only this and nothing more".

Ah, distinctly I remember, it was in the bleak
[December,
And each separate dying ember wrought its ghost
[upon the floor,
Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought
[to borrow
From my books surcease of sorrow—sorrow for the
[lost Lenore —
For the rare and radiant maiden whom the angels
[name Lenore —
Nameless here for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple
[curtain
Thrilled me—filled me with fantastic terrors never
[felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood
[repeating:
"Tis some visitor entreating entrance at my cham-
[ber door —
Some late visitor entreating entrance at my chamber
[door; —
This it is and nothing more".

Presently my soul grew stronger; hesitating then no
[longer,
"Sir," said I, "or Madam, truly your forgiveness I
[implore;
But the fact is I was napping, and so gently you came
[rapping,
And so faintly you came tapping—tapping at my
[chamber door —
That I scarce was sure I heard you"—here I opened
[wide the door; —
Darkness there and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there
[wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to
[dream before;
Not the silence was unbroken, and the stillness gave
[no token,
And the only word that spoken was the whispered
[word, "Lenore!"
This I whispered, and an echo murmured back the
[word, "Lenore!"
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me
[burning,
Soon again I heard a tapping, some unsaid what louder
[than before,
"Surely," said I, "surely that is something at my
[window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery
[explore —
Let my heart be still a moment, and this mystery
[explore; —
"Tis the wind and nothing more".

Open here I flung the shutter, when, with many a
[flick and flutter,
In there stepped a stately Raven of the salutary days
[of yore.
Not the least obeisance made he; not a minute stop-
[ped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my
[chamber door —
Perched upon a bust of Pallas just above my cham-
[ber door —
Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into
[smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance
[it wore,
"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said,
[it were,
"art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the
[nighty shore —
Tell me what thy lordly name is on the night's Pla-
[tonian shore!"
Quoth the Raven, "Nevermore!"

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse
[so plainly,
Though its answer little meaning—little relevancy
[bore;
For we cannot help agreeing that no living human
[being
Ever yet was blessed with seeing bird above his cham-
[ber door —
Bird or beast upon the sculptured bust above his cham-
[ber door,
With such a name as "Nevermore".

But the Raven, sitting lonely on that placid bust,
[spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did
[outpour,
Nothing further then he uttered—not a feather then
[he fluttered —
Till I scarcely more than muttered, "Other friends
[have flown before —
On the morrow he will leave me, as my hopes have
[flown before".
Then the bird said, "Nevermore".

Startled at the stillness broken by reply so aptly
[spoken,
"Doubtless," said I, "what it utters is its only stock
[and store,
Caught from some unhappy master whom unmerciful
[dissaster
Followed fast and followed faster till his songs one
[burden bore —
Till the dirges of his Hope that melancholy burden
[bore
Of "Never—nevermore".

But the Raven still beguiling all my soul into smiling,
[straight I wheeled a cushioned seat in front of bird,
[and bust, and door;
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to
[thinking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of
[yore —
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous
[bird of yore
Meant in croaking "Nevermore".

This I sat engaged in guessing, but no syllable expres-
[sing

To the fowl whose fiery eyes now burned into my
[bosom's core;
This and more I sat divining, with my head at ease
[reclining
On the cushion's velvet lining that the lamp-light
[glowed o'er,
But whose velvet violet lining with the lamp-light
[glowed o'er
She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perturbed from
[an unseen censer
Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the
[tufted floor,
"Wretch!" I cried, "thy god hath lent thee—by these
[angels he hath sent thee,
Respite—respite and nepenthe from thy memories of
[Lenore!
Quaff, oh quaff this kind nepenthe, and forget this
[lost Lenore!"
Quoth the Raven, "Nevermore!"

"Prophet!" said I, "thing of evil!—prophet still, if
[bird or devil!
Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee
[here ashore,
Desolate, yet all undaunted, on this desert land en-
[chaned —
On this home by Horror haunted—tell me truly, I
[implore —
Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me,
[it implore!
Quoth the Raven, "Nevermore!"

"Prophet!" said I, "thing of evil!—prophet still, if
[bird or devil!
By that Heaven that bends above us—by that God we
[both adore —
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant
[Aldenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name
[Lenore, —
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels
[name Lenore"
Quoth the Raven, "Nevermore!"

"Be that word our sign of parting, bird of friend!" I
[shrieked, upstarting —
"Get thee back into the tempest and the Night's Pla-
[tonian shore!
Leave no black plume as a token of that lie thy soul
[hath spoken!
Leave my loneliness unbroken!—quit this bust above
[my door!
Take thy beak from out my heart, and take thy form
[from off my door!
Quoth the Raven, "Nevermore!"

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is
[sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber
[door;
And his eyes have all the seeming of a demon's that
[is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming throws his
[shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating
[on the floor
Shall be lifted—nevermore!

The works of Edgar Allan Poe in ten volumes —
The Cameo Edition — Funk & Wagnalls — New York
and London.

O Corvo

Tradução de Venceslau de Queiroz

Uma vez, pelas deshoras lu-
gueres da noite, enquanto,
fraco e fatigado eu meditava
sobre velhos e curiosos volu-
mes de uma doutrina antiga,
enquanto, quasi adormecido,
toscanejava, subitamente ouvi
uma pancada, como se batés-
sem de leve a porta do meu
quarto. Alguem, talvez, que me
procura, pensei, e que bate-me
a porta, talvez seja isso, e na-
da mais.

Ah! lembro-me distintamen-
te; corria o mês de Dezembro
frio e glacial, e cada acha de
lenha, acesa no fogão, dese-
nhava no soalho um reflexo de
agonia. Eu esperava a manhã,
ansiosamente; há muitas horas
já, em vão, pedia aos livros um
instantâneo repouso à minha
tristeza, essa tristeza nervosa-
mente horrível que me acobru-
nha desde que perdi Lenora,
honesta e graciosa virgem que
os anjos no céu hoje chamam
Lenora, e que no mundo nin-
guém mais poderá chamar, ali
nunca mais!

E o brando, triste e vago an-
dular do repesteiro de "purpu-
ra" impressionava-me, enchie-
me de terrores fantásticos, para
mim desconhecidos até essa
noite; afinal para abrandar a

pulsão precipite do meu pei-
to, levantei-me, repetindo: Al-
guem talvez, que me procura,
talvez algum retardado visita-
nte que bate-me à porta; sim,
talvez seja isso, e nada mais.
Minha alma nesse instante
sentia-se mais forte.

Não hesitei, pois, por mais
tempo e falei, supondo que fos-
se alguém que batesses: — Pe-
ço-vos desculpas, eu ia adormecendo, quando vos ouvi ba-
ter-me à porta, tão docemente,
tão brandamente, que fiquei
ainda incerto de vos ter ouvi-
do. — E abri a porta, de par
em par; só vi trevas, e nada
mais.

A presenciar profundamente
essa treva, ali fiquei por mu-
lto tempo, estarecido de es-
panto, de medo e de dúvida,
sonhando coisas que no mun-
do ninguém ainda ousara so-
nhar; mais o silêncio não foi
perturbado, e tudo se conser-
vou imóvel. A única palavra
que ouvi sibilara-m'a aos
ouvidos: Lenora! Tinha sido
eu mesmo quem o balbuciara,
e um eco por sua vez também
repetira: Lenora. Fora isso, e
nada mais.

Ao entrar de novo no qua-
rto com a alma sobressaltada,

ouvi logo uma pancada um
pouco mais forte que a primei-
ra. Com certeza, pensei comigo,
com certeza, há alguma coisa
entre as fôlhas da janela. An-
tes, porém, acalmemos o cora-
ção; talvez seja o vento, e na-
da mais.

Abri então a janela e,
com um tumultuoso batimen-
to de asas, entrou um ma-
gestoso corvo, digno dos pri-
meiros dias da criação. Não
me fez a menor reverência,
não parou, não hesitou um mi-
nuto; mas, com a sua cerimo-
nia de um lord ou de uma lady,
empeleou-se n'um busto de
Pallas que encimava a porta
do quarto; empeleou-se, insta-
lou-se, e nada mais.

Esta ave de ébano, pela gra-
vidade de seu porte e severi-
dade de sua fisionomia, indu-
ziu-me a rir, e graciei: —
Lugubre e velho corvo, viajor
afastado das praias da Noite,
ainda que a tua cabeça esteja
sem crista e sem cimeira, não
és certamente nenhum poitro.
Dize-me o teu nome senhoria!
nas caliginosas praias das re-
giões infernais. — O corvo
respondeu: Nunca mais!
Fiquei maravilhado. Este be-

(Continua na pag. 28)



Não há
maior Beleza
UNIVERSAL
Geneve
RELOGIOS E CRONOMETROS DE PRECISÃO
A VENDA NAS BOAS CASAS

Ética, História e Legislação Jornalística

Ponto II — Evolução do Conceito da Moral

A MORAL PRIMITIVA

Mal a humanidade iniciou o seu caminho, depois das longas idades do fogo e da animalidade, e com a consciência teve começo a moral. Ela aparece, a princípio, na voz dos poetas: no conselho dos legisladores que ainda não dão forma escrita às suas leis; e depois no pensamento dos filósofos.

E' nesses princípios a moral rude, que se baseia na vingança e cria a pena de Talião. Diz o Levítico, XXIV: "O que fez a qualquer dos seus compatriotas, assim como o fez, assim se lhe fará a ele: quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente. Qual for o mal que tiver feito, tal será castigado a sofrer". Diz o Êxodo: "Vida por vida, dente por dente, olho por olho, mão por mão, pé por pé, quebradura por quebradura, ferida por ferida, assassínio por assassínio".

OS PRIMEIROS CODIGOS

E' essa a moral que prevalece nos primeiros códigos.

O do Hamurabi, por exemplo. Foi Hamurabi um dos reis de Babilônia, e seu código data de 23 séculos antes da era vulgar. Foi encontrado em cuneiformes, nas ruínas de Susã, nos fins dos séculos XIX. Tradução, segundo a leitura de um assiriólogo italiano, pela professor Bonfante, foi adaptado à língua portuguesa por Hercílio de Souza, professor da Faculdade de Direito do Recife, e publicado na Revista Acadêmica daquele estabelecimento jurídico (Ano XXXI - 1933).

Segundo observa o professor Bonfante, o código de Hamurabi revela um estágio de civilização adiantadíssimo. Não encontra-se regulada a questão da propriedade particular; estabelecida a hierarquia social e a economia; regulamentadas as profissões. Não estão estudadas as relações familiares e patrimoniais entre os conjuges; estudadas e fixadas as de problemas atinentes ao crime e ao criminoso.

E' digno de atenção muito do que em seus preceitos se contém. O que se prende ao juiz, por exemplo. O código do Hamurabi é severíssimo para com o mau juiz: se o juiz dirigiu um processo e errou, será expulso de sua cadeira e não poderá mais funcionar no cargo.

Também o difamador merece grave castigo: será arrastado perante o juiz e ali terá a fronte toquiada.

E que severa é a pena para a ingratidão! Se um homem adota como filho o filho de uma meretriz ou de um vadio, e esse adotado abandona aquele que o acolheu — o pai adotivo tem o direito de arrancar ao ingrato os olhos.

Como este, numerosos casos. Na lei babilônica domina a dureza. Quem arranca um olho a outrem tem o seu próprio olho arrancado. E' já o império da pena de talião.

De Hamurabi, passemos a Confúcio.

Aqui acentua-se o progresso humano. E já se vai atenuando a primitiva rudeza das leis. Esse legislador, que floresce na China no século 6.º A. C., já tem o espírito imbuído de princípios de humanidade e de bondade. "Eu não invento, apenas, transmito", declara o amável filósofo que, como Sócrates, se acredita inspirado por um demônio familiar. A verdade, entretanto, é que Confúcio inventou. Suas leis não perdidam, e ainda hoje o mundo ganharia se fosse por elas dirigido. Visando sobretudo a aqueles que têm o encargo de orientação dos povos, Confúcio trata, para esses os prin-

MUCIO LEÃO

cipais dos seus preceitos. "Governar significa ser correto, diz ele; se conduzir com correção o povo, quem usará não ser correto?" "Se o príncipe for pessoalmente correto (isto em outra parte) governará sem ter necessidade de recorrer às leis; se for incorreto em sua pessoa, embora disponha de excelentes leis, estas não serão seguidas". Não diríamos que está falando para os dias de hoje? Mas ocupamos ainda dois dos seus preceitos. Este: "A virtude do soberano é semelhante ao vento, a dos homens comuns é semelhante à erva. Sopra o vento e a erva deve curvar-se a ele"; e este outro: "Aquele que governa por meio da virtude, é semelhante à estrela polar, que permanece fixa enquanto todas as demais estrelas a saúdam".

A lei de Moisés é dura como qualquer outra lei primitiva. Esse código baseia-se no talião, e toda a sua finalidade consiste em defender a existência do brenhame diante das outras classes. Os preceitos que estabelece não terrorem e crueldade. Por do uma mulher apanhada em adultério é mandada para a praça pública e entregue aos cães famintos, que a devorarão. Um indivíduo que roube uma vaca será amarrado e lançado ao rio, e além disso terá o nariz cortado. A qualidade da pena, nesse código, varia de acordo com as castas a que pertenciam os criminosos ou as vítimas. O crime gravíssimo de um brenhame cometido contra uma súdria, a bem dizer não é crime: o crime leveíssimo de um súdria contra um brenhame só pode ser punido com a morte.

E' claro que a legislação inda tem aspectos morais dignos de atenção: estabelece, por exemplo, a hospitalidade, o acolhimento aos estrangeiros, e proíbe a ganância exagerada.

A MORAL GREGA

A moral, tal como a entendemos, é propriamente uma criação grega.

A moral de Homero é rígida e inflexível. Paris rapta Helena, e por isso Troia será destruída; Agamenon consente no sacrifício de Efigênia, e por isso ao regressar da guerra será trucidado pela esposa adúltera e pelo amante destas. Ulisses, de regresso a Ítaca, varará o olho de Cíclope, e por isso terá que errar perdido nos mares, arrostando tempestades e desgraças sem fim. — Moral dura, moral de tribu selvática, penetra das ideias terríveis do castigo e da vingança. E' claro que esses sentimentos primitivos vão pouco a pouco se abrandando. Já é, talvez, um começo de caridade, e que sentimeto passar, como uma camada secreta, no Prometeu de Esquilo: a caridade do homem diante do herói injustamente ferido. Todo o espírito da antiga tragédia é, em essência, o protesto dos direitos do homem contra a indiferença e a inocência dos destinos e, pois, dos deuses.

A MORAL ATE SÓCRATES

O homem caminha na sua glória suprema — a glória do pensamento. E' ro surgindo as várias interpretações para o maior dos fatos do espírito, o fato moral. Agora, já plenamente consciente de si mesmo, vai a moral se oferecendo às indagações dos filósofos. E estas não pararão mais, em toda a evolução da história humana. Heracleito medita sobre o passar de todas as coisas, e estabelece que o único princípio que devemos seguir é o de es-

tarmos em acordo com a lei universal. A eterna desapareção de tudo é uma evidência a que ninguém pode fugir; acitemos passar, nós também.

Demócrito procura uma solução menos desoladora. Estabelece que a moral nasce do interesse bem compreendido. Verdadeiro fim da vida, a felicidade consiste na saúde, no bom humor, na paz da alma. Tem como condição a temperança.

Resignação... interesse... é com os pitagóricos que a moral vai dar um passo considerável: caminha para as misteriosas origens, tem como imposição a palavra dos deuses, "ao puro é a moral dos Versos de Ouro, que puzero uma amarração das lições de São Mateus no Sermão da Montanha. Pergunsem-nos as grandes virtudes que mais ennobrecem o coração do homem: o amor a Deus, o culto da família, a amizade, o domínio próprio, a justiça, a franqueza e a honestidade, a reflexão, o amor ao trabalho e à paciência, a tolerância, a previdência, a modestia, a ponderação. Como sintese dos seus preceitos, diz o autor dos Versos de Ouro: ...

Sobre o teu corpo, reíng e brilha a Inteligência. Para que te ascendas ao Eter fulgurante. Mesmo entre os Imortais, contigas ser um Deus.

(Tradução de Dario Veloso)

Com os sofistas nasce a distinção entre a natureza e os costumes, entre o que é lei natural — dentro da qual a moral se encontra — e o que é lei de convenção, o Direito.

A MORAL DE SÓCRATES

O grande mestre da moral grega, porém, foi Sócrates. Pondo do lado os seus interesses materiais, dedicou-se ele unicamente à sua atividade de professor de moral e de filosofia, de fiscal dos costumes. Escolhida para seu ensinamento — quase se poderia dizer, para seu apostolado — a praça pública. E era da vida de cada um — seus discípulos, seus amigos, seus concidadãos — que extraía as demonstrações tão necessárias ao seu professorado prático.

Sua moral é toda elevação e pureza — o que o não impedia de ser condenado à morte como impuro e perverso. Ele quer o respeito pela mulher e o amor entre os casais; quer a piedade dos filhos para com os pais, a piedade dos moços para com os velhos; quer que sejam os escravos tratados com doçura, quer a reabilitação dos escravos. Ama e venera os deuses. E ainda na hora de morrer, com a taça de cicuta na mão, é para os deuses que vós em pensamento. "Devemos a galo Esculapio", averte, nessa hora suprema, ao amigo fiel que o acompanha.

O vigor do seu ensino, a harmonia de sua eloquência, o inflexível de sua ironia metódica, o clareio de sua sabedoria, tudo isso constituiu o deslumbramento dos seus discípulos. E' foi considerado o verdadeiro fundador da ciência moral. E' nenhum título mais justo haveria para aquele que afirmava ser a virtude uma ciência que pode ser ensinada, aquele que assegurava ser o bem de cada um uma consequência do bem geral. O bem para ele está na temperança e na justiça; o bem é, pois, o útil. Assim a Moral terá por fim a felicidade.

Maq qual o meio de se chegar à felicidade? Sócrates

responde: são as virtudes; a sabedoria, a ciência geral do bem, em primeiro lugar; a temperança, que não é mais do que a capacidade de discernir entre um bem verdadeiro e um bem falso; a coragem; a justiça.

A MORAL DE PLATÃO

O pensamento de Platão prolonga o pensamento de Sócrates. Ele dá por objeto da moral teórica a determinação do sobrenome bem.

Para Platão, a alma é triplíce, possuindo cada uma de suas formas um atributo peculiar: a primeira, a temperança; a segunda, a coragem; a terceira, a sabedoria. As duas primeiras são degraus ou condições para a realização da terceira. E esta tem a sua realização completa na contemplação do Ser e do Bem, última aspiração da Moral. Cabe, então, saber o que é o Bem. E a isso responde o filósofo: o Bem é o conjunto do Prazer com o Sabedoria, conjunto complexo, no qual entram todas as ciências, no qual não contam apenas os prazeres verdadeiros e puros, isto é, os prazeres da Inteligência. O Bem é, além disso, composto de dois elementos: a virtude e a felicidade. Para Platão, a felicidade é íntima, e só o virtuoso (mesmo quando não encontra justiça) pode ser feliz.

Quanto à virtude, divide-se em sabedoria, fortaleza, temperança e justiça.

Fora do terreno da ética individual, vê-se a construção ética política e social. Aqui afirma que o fim do Estado consiste em tornar felizes os cidadãos. Como? Facilitando-lhes a prática das virtudes. De acordo com as três espécies de alma do homem, distribui-se a vida social em três categorias: os operários, encarregados da subsistência material, os guerreiros, incumbidos da defesa social; os filósofos, que são os únicos aptos a exercer a atividade pública, e que constituem a consciência da sociedade. Daí as vantagens da aristocracia — governo dos filósofos — sobre a timocracia (governo dos guerreiros) ou a democracia (governo dos operários).

A MORAL DE ARISTÓTELES

Aristoteles dividiu a Moral — ou filosofia das ações humanas — em três partes: a ética monástica, ou moral individual; a ética econômica, ou moral doméstica (que interessa à organização da família); e a ética política, ou social, que interessa à nação.

Para ele, o último fim do homem é a felicidade. E esta consiste na contemplação de Deus. O caminho para ela é a virtude, e esta se reduz à conquista da liberdade sobre os apetites irracionais, à submissão da nossa atividade prática aos ditames da razão. Cumprir, por isso, manter em tudo o meio termo. A coragem, por exemplo, é o meio termo entre a temeridade e a covardia. Condições de felicidade, embora secundárias, são, a seu ver, os bens exteriores e corporais: a saúde, a riqueza.

Quanto à moral social, Aristoteles estabelece que o homem é o animal sociável; e defende a organização da família na base do casamento indissolúvel.

DE ARISTÓTELE A MARCO AURELIO

Aristotele parte do pensamento socrático de que a felicidade é o verdadeiro fim do homem; e chega à conclusão de que a felicidade é feita do pro-

A Moral foi o berço em que embalei o Direito nascente. E' o atributo natural do homem, o atributo e mesmo a condição de qualquer sociedade, ainda a mais primitiva. Era um escrúpulo de moral, o sentimento que impedia a mão do primeiro homem de se estender para colher a maçã do paraíso; era um escrúpulo de moral, aquele que a sutileza da serpente fez desaparecer no coração de Eva, quando a noiva primeira não ousou colher o fruto da árvore do bem e do mal, que havia de trazer para a espécie humana o pecado e o sofrimento. Era um escrúpulo de moral, ferida, aquela que, conforme nos mostra, em um de seus poemas, Victor Hugo, põe na alma de Caina, depois que este assassinou o seu irmão Abel, a ideia, no primeiro alvoroço da vida, na ante-manhã da manhã, já vemos aparecer o dia de danças da moral.

Tudo isso não é tudo: a moral, criação do homem, é anterior ao homem. A vida dos Deuses, a harmonia ou o conflito, que se estende entre eles, já está em sendo preceitos da moral, e preceitos da moral, do homem.

O mundo ainda não existe, e a lei domina o caos. E, contudo, já a lei moral regula as coisas, já dita e ordena o ritmo da vida.

Em certo momento das coisas, porém, que com sua espessa Gea, iniciara a criação, arremessava-se esse ato. E passa a sentir nas entranhas da Terra os filhos a que dá nascimento. Gea indigna-se com o marido, e arma contra o pai e o filho o braço dos mais poderosos dos seus filhos, Cronos, o Saturno dos Romanos. Cronos mata o pai, estralando os despojos de sua virgindade, e lançando-os ao mar. E' em torno desses despojos sangrentos, flutuantes sobre as ondas, que se vai formando uma branca espuma. E dessa espuma nasce Venus.

Esse período mitológico — o governo de Saturno — é que vai gerar as grandes personalidades das ideias morais. Foi nele, como vimos, que nasceu Venus, a beleza; é nele que nasce a Noite, a qual dá origem ao Sono, ao Sonho, e à Morte; é nele que nascem as Parcas, divindades do inflexível destino, e a Memória, a vingança, e a Discórdia, e a Trágica Velhice; e, filhos da Discórdia, o difícil Trabalho, a Dor, os Combates, o Duramento...

Senhor do mundo, por um imperativo da moral, Saturno vai perder o seu domínio por outro imperativo da moral. Como fiera seu pai, em determinado momento pretende ele suspender o ritmo da multiplicação da vida. E, como Urano costumava enterrar os filhos, Saturno põe-se a devorar os seus que gerou. Sabéis o que se fez? Apiedados dos filhos, que via assim destruídos, Ra, a esposa de Saturno, procurou salvar os frutos de suas próprias entranhas. Um deles, Zeus, o Jupiter dos latinos, vai, instigado por ela, revoltar-se e arrancar o trono de seu pai.

Essa — a compensação para o pobre e para o frágil, o castigo para o violento e o criminoso — é, parece, uma lei suprema em toda a moral humana. E' o preceito essencial das leis não escritas, a que se referia Sócrates. Ouvindo ao mestre a referência a essas leis, perguntou-lhe Hipias: "E quem escreveu essas leis?" Tornou-lhe Sócrates: "Creio que foram os Deuses que as inspiraram aos homens; em todos os homens as primeiras leis consistem em respeitar os deuses".

Ética, História e Legislação Jornalística

Ponto II—Evolução do conceito da Moral

ser. Mas é preciso sabermos dominar os prazeres.

Hegestias, discípulo de Aristóteles, verificando o que existe de fugitivo e imponderável nos prazeres, chegou à conclusão de que é preciso renunciar a todos eles.

Epícuro estabelece como princípio moral a procura do prazer. E este consiste apenas no evitar a dor. O prazer é de duas naturezas: a voluptuosa calma, em repouso; e a voluptuosa vivaz, ambiciosa de movimento. A primeira é que é a verdadeira felicidade. Contudo, o homem sábio deve ser moderado em todas as coisas; deve cuidar para que a posse de um prazer não o venha privar de um prazer ainda maior, criando-lhe, talvez, uma dor... Ele aprecia, no devido valor, os prazeres materiais; e é do seguinte teor o seu ensinamento: "Eu não sei que coisa seria do Bem, se fosse obrigado a suprimir os prazeres de beber e de comer, os prazeres do ouvido, e os da vista, e os prazeres de Vênus".

Os Céticos fazem a apologia da Moral e do Esforço. Para eles o ideal é Heracles; para eles, o prazer é um mal e o sacrifício um bem. Realizam, assim, certas práticas rigorosas e autênticas na orientação da vida; e isto os tem levado a merecer o nome de cupinheiros da antiguidade (Zeller). Mas csem em excessos injustificáveis; chegam a negar a honra individual, a pregar e adotar a vida da mendicância, e a desprezar a ideia da Pátria. Diogenes proclamava-se cidadão do mundo.

Os Céticos estabelecem que a verdadeira felicidade está na ataraxia do espírito (a imperturbabilidade). E o modelo deles, Pirro, chega à conclusão de que tudo é ilusão, à conclusão de que só na indiferença, só na renúncia a tudo — só na ataraxia — repousa a verdadeira felicidade.

Os Estoicos pregam que tudo o que é natural é bom. Daí seu preceito: *Naturem sequere*: vive conforme a natureza. Para eles o vício e a virtude são atributos absolutos: não admitem gradações. Tudo o que não for virtude é, para eles, vício. É preciso, pois, sofrer a dor e abster-se do prazer: *Stoiche et abstinere*.

Pela rigidez de seus princípios e pela claridade de suas virtudes, tornaram-se como que precursores do Cristianismo. Está já em Cícero a palavra *Caridade*. Seneca diz que em toda a parte em que exista um homem cabe um benefício. A moral torna-se um conselho de infinita resignação em Epicteto, um desejo de aceitação inalterável com os ditames do destino em Marco Aurelio. — Tudo isso já parece um eco da divina voz que pregou na Galiléia.

A MORAL CRISTÃ

É ao cristianismo que cabe operar a maior revolução espiritual da Antiguidade: a revelação de que os imperativos da Moral são o espangão do Sentimento, e não da Inteligência. O amor, o amor de Deus, o amor do próximo, o amor até dos inimigos e dos animais — ergue-se em norma de conduta. Ama o teu próximo como a ti mesmo, eis a suprema regra de ética em todos os tempos.

As três virtudes máximas do homem passam a ser aquelas que conduzem a alma a Deus: a Fé, a virtude por excelência, a que em si encerra todas as outras, aquela que é a própria condição da comunicação do ente humano com Deus; a Esperança, a virtude alentadora, aquela que nos dá a capacidade

de aceitar e querer o sofrimento, pela certeza de um maravilhoso bem que mais tarde há de compensar todas as lágrimas que choramos hoje, a virtude magnífica que nos trás a segurança de que um dia havemos de contemplar Deus; e, enfim, a Caridade, aquela que é o esplendor de todas as outras, porque é a que, mantendo o contacto da alma com Deus, estabelece o laço de solidariedade e de amor entre todos os seres. Era ela a virtude da preferência de S. Paulo. Dizia o grande construtor do Cristianismo: "Alma que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que não ou como o alto que tina. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transpusesse os montes, e não tivesse caridade, nada seria. E ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada seria. A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não trata com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, porém foge com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo comporta. A caridade nunca acaba".

Eis aí o que é a caridade, e vêdes, pelas palavras do maior dos espíritos do Cristianismo nascente, como é um privilégio raro, sutil e delicado o possuí-la. Vêdes que ela é tudo, e é mais do que tudo, porque é um sentimento. Vêdes, pelo ensinamento de S. Paulo, que ela se não confunde com coisa nenhuma, nem mesmo com o gesto de dar esmola.

É fácil compreender o renovação essencial que tais ideias vieram operar no terreno da Moral. O soberano Bem — a reunião da felicidade com a virtude — desloca-se dos territórios humanos, em que tinha ficado sempre, e passa a ocupar as regiões etéreas e paradisíacas. A virtude passa a chamar-se caridade, a felicidade passa a chamar-se a posse de Deus. O soberano Bem passa a constituir a aquisição do Bem pelo caminho do amor dos homens...

TOMASIO. TEORIA DO DEVER

Parece ter sido Cristiano Tomasio quem primeiro fez a separação da Moral e do Dever. Nos seus *Fundamenta Jus Naturae et Gentium*, separa ele três esferas: a do Jus naturae, cujo objecto é o justo; a da Ética, cujo objecto é o honesto; a da política, cujo objecto é o decoro. Na ética e na política, os princípios do honesto e do decoro são positivos: *Faze a ti mesmo aquilo que queres que os outros façam para eles próprios*. — *Faze aos outros o que queres que os outros te façam a ti*.

No Direito, ao contrário, o princípio é negativo: "Não faças aos outros o que não queres que os outros te façam a ti".

A MORAL DE KANT

A Kant estava destinado à glória de operar no conceito da moral uma revolução de grande importância, paralela ou semelhante àquela que detulho séculos antes operara no mundo Romano o Cristianismo. Se a Moral para os gregos era um fruto da Inteligência, se era para os cristãos um fruto do

Sentimento — para Kant passou a ser um ditame do Dever. Ouve a nossa alma os constantes conselhos da Razão, e estes se chamam imperativos. Há os imperativos hipotéticos, os que podemos seguir ou deixar de seguir; formulam-se na expressão: — *Quem quer os fins quer os meios*. E há os imperativos categóricos, os ordens da Razão, as determinações inflexíveis dela; formulam-se na expressão: — *Cumpro o teu dever, aconteça o que acontecer*. Os imperativos hipotéticos não passam de conselhos, de sugestões, de avisos, de regras do entendimento; os imperativos categóricos são ordens ou leis. Tem o carácter de universalidade e é esse se expressa na fórmula: — *Age sempre em conformidade com uma disciplina tal que seja uma lei universal*.

Há para ele duas espécies de legislação: a ética e a jurídica. A primeira não só eleva o dever a ação; mas impõe o próprio dever como motivo; a segunda admite ainda um outro motivo, além do dever. Os deveres que derivam da legislação externa não podem ser os externos. A legislação ética é uma legislação interna, que eleva também a ação interna a dever. Ao conceito de direito liga-se a faculdade de obrigar, e remover, assim, mediante a força, todos os impedimentos que, derivando da liberdade, tornem impossível a coexistência da liberdade. Todas as legislações precisam de um motivo que as explique. Na legislação externa, valem os motivos ou impulsos sensíveis patológicos, (segundo Kant), isto é, as inclinações e as afeições, mas especialmente as afeições, porque a legislação jurídica deve ser uma legislação que obrigue, e não um divertimento que convide.

FICHTE: CONTRAPESCAÇÃO DA MORAL E DO DIREITO

Fichte vai além de Kant: contrapõe a Moral e o Direito. "O conceito do dever, que deriva da lei moral, é na maior parte dos seus preceitos contraposto ao direito. A lei Moral comanda categoricamente o dever; a lei jurídica entretanto permite, mas não impõe que se exerça o próprio direito. Assim, a lei moral apenas veda o exercício de um direito". (Quellé — *Enciclopedia*, 22).

STUART MILL

Stuart Mill estabeleceu uma estética do prazer, na qual o egoísmo é o fundo da natureza humana e o altruísmo uma simples forma do egoísmo.

SPENCER

Para Spencer a Moral é uma corollária da Cosmologia. De tal maneira que com a evolução dos Cosmos o homem moralmente se irá aperfeiçoando no seu ser moral. Num dia futuro, o bem sairá das leis naturais, como hoje sai o mal.

SCHOPENHAUER

Schopenhauer concebe a vontade como a essência de todas as coisas. Mas a essência da vontade consta de tendências que, na fossem satisfeitas, cessariam de existir. Assim, a vida humana não passa de uma cadeia de desejos não satisfeitos, e a dor é a verdadeira partilha da humanidade.

Imbuído desse pessimismo sem remédio, compõe ele o evangelho do desespero. "Se um Deus faz este mundo, eu não gostaria de ser este Deus: a miséria do mundo esfacelara-

me-la o coração", diz um dos seus aforismos. Todos são do mesmo teor, os aforismos que compõem este *lirano* de Job ou do poeta do Eclesiastes.

COMTE. CONTINUIDADE E SOLIDARIEDADE

A moral social de Augusto Comte é baseada na continuidade. Diz ele (*Catecismo Positivista*): "A verdadeira solidariedade consiste mais na continuidade sucessiva do que na solidariedade atual. Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos. Tal é a lei fundamental da ordem humana".

Para compreendermos bem esse pensamento acrescenta o filósofo devemos distinguir em cada ser da Humanidade duas existências sucessivas: uma temporária, porém direta, constitui a vida propriamente dita; a outra, indireta mas permanente, só depois da morte se inicia. A primeira é objetiva; a segunda, subjetiva.

Comte refuta o egoísmo cristão, que fazia dizer ao *duro* S. Pedro a máxima característica: "Olhem-nos na terra como estrangeiros". E louva o admirável S. Paulo, por ter anunciado, pelo sentimento, a concepção capaz de nortear a verdade da Humanidade, nesta sentença comvente: "Nós somos todos os membros uns dos outros".

STERNER

Revolucionário tanto quanto o será Nietzsche, Sterner só vê uma base para a Moral: o egoísmo. "A vontade é a força fundamental do homem, prega ele: tudo o que se opõe ao indivíduo é um limite imposto a si mesmo, que deve ser eliminado".

NIETZSCHE

Nietzsche apresenta-se como o oposto do homem-forte, do super-homem, o inimigo da fraqueza, da tibieza e da covardia. Insurge-se contra a caridade do Cristianismo, contra a igualdade, a fraternidade e a justiça da Revolução. Tais elementos, pensa e doutrina, só criam a moral dos escravos. Sua concepção é complexa e muita vez imponderável e contraditória. Defendendo a Moral do homem forte, ele despreza a mulher, que no fundo só lhe parece valer para os mistérios da reprodução.

Locais onde podem ser tomadas assinaturas de AUTORES E LIVROS, além da sua redação:

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

— Av. Almirante Barroso, 72-13.º andar, fone 22-9981. Tratar com João Pinheiro Neto.

FOUILLE

Fouillé cria o que ele próprio chama a moral da esperança, na qual a aplicação da liberdade do homem coincide com o desinteresse e se identifica com o amor, "que é a própria moralidade".

GUYAU

Esprito imbuído de profundos sentimentos religiosos, Guyau restabelece a generosidade como sendo a virtude mais alta.

TAINE

Materialista, Taine vê condicionados a fatores inevitáveis os elementos do mundo moral e intelectual. O homem é produto do meio, do clima, da sociedade em que vive. Se as condições se lhe apresentarem favoráveis, ele será um ser moralmente correto; se lhe são contrárias, será um ser defeituoso. O bem e o mal são meros produtos, como o açúcar e o vitriolo, e poderemos em nossos laboratórios morais produzir-los a nossa vontade...

RENAN

Renan apresenta-se como um Platão dos nossos dias — um filósofo por excelência flutuante entre as ideias, amável, sedutor, poético, contraditório, e inalcançável. Sustenta o primado da Ciência e crê que os homens de génio constituem a verdadeira finalidade da história. Vê na vitória das classes operárias a ascensão do rude Caliban sobre Ariel, o pensamento científico e poético. E, humanizando racionalmente a figura divina de Jesus, imagina a teoria de um deus evolutivo, que está em germe, ou talvez já em começo, em nosso espírito, e que de todo existirá um dia, quando a alma dos homens for digna de tal glória.

Eis, numa rápida síntese alguma dos principais momentos da moral humana, tal como a concebemos e a pregamos filósofos e sábios. Podemos entender o panorama das ideias morais, através dos séculos, como o de uma amplidão circular, na qual se destacam picos gigantescos. São as principais elevações dessa imensa circularidade, as que procurei indicar na explanação que aqui dei.

CANDIDATURAS ACADEMICAS

Para a vaga de Roberto Silmonsen na Academia Brasileira de Letras foi indicado por um grupo de dez acadêmicos, e na forma do Regimento, o nome do sr. Aníbal Freire. O autor de "Discursos" e do "Poder Executivo na República", porém, veio ao encontro dos seus futuros confrades, e enviou uma carta à Academia, apresentando-se candidato. A eleição para a cadeira n.º 3 será realizada no mês de setembro.

"Genealogia Pernambucana"

Orlando Cavalcanti, estando para publicar a sua vasta "Genealogia Pernambucana", pede a colaboração dos estudiosos do assunto.

Endereço no Rio (provisório):
R. BARATA RIBEIRO, 265 - Copacabana - Tel.: 37-1442

Endereço em Pernambuco:
INSTITUTO GENEALÓGICO E HISTÓRICO — Pernambuco — Rua do Hospício, 130 — Recife

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — GRACILIANO RAMOS

M I N S K

Conto de Graciliano Ramos

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito. Não era um cara-sula ordinário, duma cor só, pequenino e miúdo. Era um periquito grande, com manchas amarelas, andava torto, inchado e falto: "Eh! eh!"

Luciana recebeu-o, abriu muito os olhos espantados, estranhou que aquela maravilha viesse dos dedos curtos e negros de tio Severino, deu um grito selvagem, mistura de admiração e triunfo. Esqueceu os agradecimentos, meteu-se no corredor, atravessou a sala de jantar, chegou à cozinha, expôs à cozinheira e a Maria Júlia as penas verdes e amarelas que enfeitavam uma vida trêmula. A cozinheira não lhe prestou atenção. Maria Júlia franziu os belos lábios num sorriso desenhado. Luciana desorientou-se, bateu o pé, mas recebeu estragar o contentamento, desdenhou incompreensões, afastou-se com a ideia de voltar o animalzinho. Acomodou-o no furo-bolos e entrou a passear pela casa, contemplando-o, ciciando beijos, combinando alabças, tentando formar uma palavra sonora. Nada conseguindo, sentou-se à mesa de jantar, abriu um atlas. O periquito saltou-lhe da mão, escurrou na folha de papel, moveu-se desajeitado, percorreu lento vários países, transpôs rios e mares, deteve-se numa terra de cinco letras.

— Como se chama este lugar, Maria Júlia?

Maria Júlia veio da cozinha, soletrou e decidiu:

— Minsk.

— Esquisito, Minsk?

— É.

Não confiando na ciência da irmã, Luciana pegou o livro, avizinhou-se de mamãe, apontou o nome que negrejava na carta, junto aos pés do periquito:

— Minsk.

— Engraçado. Pois fica sendo Minsk, sim, senhora. Caminhou muito e parou em Minsk. É? Minsk.

Nomado o periquito, Luciana dedicou-se inteiramente a ele; mostrou-lhe os quartos, os móveis, as árvores do quintal; apresentou-o ao gato, recomendando-lhes que fossem amigos. Explicou minudamente que Minsk não era um rato e, portanto, não devia ser comido. Advertência desnecessária: o bichano, obeso, tinha degenerado, perdido o faro, e queria viver em paz com todas as criaturas. Aceitou a nova camaradagem e, dias depois, estridendo numa faixa de sol, cerrava os olhos e aguentava paciente bicoradas na cabeça. Essa estranha associação ilençou Luciana, que supôs ter vencido o instinto carniceiro da pequena fera e a mimosação da mãe sobre a afeição dispensada ao periquito.

O instinto de mamãe é que não se modificava: de quando em quando lá vinham arelhas, censuras, cocorotes e puxões de orelhas, porque Luciana era esprevidada, fugia regularmente de casa, desprezava as bonecas da irmã e estimulava a companhia de seu Adão carroceiro.

— Luciana!

Luciana estava no mundo da lua, monologando, imaginando casos românticos, viagens para lá da esquina, com figuras misteriosas que, às vezes, se uniam, outras vezes se multiplicavam.

A chegada de Minsk alterou os hábitos da garota, mas isto no começo passou despercebido e mamãe continuou a fiscalizar o ferrolho alto da porta, a afastar as cadeiras da janela, pouco cessaram as precauções

— e as crianças invadiram de d. Henriqueta da Boa-Vista deixaram de visitá-la. D. Henriqueta da Boa-Vista era a personalidade que Luciana adotava quando se erguia nas pontas dos pés, a boca pintada, as finhas pintadas, brincando moça. Perdeu o costume de andar assim, ganhar cinco centímetros apoiando os calcanhares nos tórax inexistentes de d. Henriqueta da Boa-Vista, esqueceu as erapadas, as aventuras na carroça de seu Adão.

— Luciana!

Agora Luciana se encolhia pelos cantos, vagarosa, Minsk empoleirado no ombro. Sentia-se novamente miúda, quase uma ave, o tagarelava, dizia as complicações que lhe ferilhavam no interior, coisas a que de ordinário ninguém ligava importância, repelidas das asperas. Mamãe saía dos trilhos sem motivo. A criança negra, rubugenta, estúpida, grunhia: "Hum! hum!" Maria Júlia era aquela preguiça, aquela carne bamba, desordenada e comportava-se direito em cima de revistas e bruxas de pano, triste. Papai sumia-se de manhã, voltava à noite, lia o jornal. E tio Severino, idoso, considerando, sentava-se na cadeira de braços e falava difícil. Nenhum desses viventes percebia as conversas de Luciana. Seu Adão carroceiro é que procurava deslizar-las, em vão: arredondava os bugalhos brancos, estirava o beijo grosso, coçava o pixaim, desanimado. Por isso Luciana inventava interlocutores, fazia confidências às árvores do quintal e às paredes. Esse exercício, agradável durante minutos, acabava sempre fatigando-a. As sombras misturavam-se, esvaíam-se. Afinal desapareciam, substituídas pelo periquito, colorido e ruído, de espírito dócil e compreensivo.

— Minsk!

Minsk arregalava o olho amarelo, engrossava o pescoço, crescia para receber a carícia:

— Eh! eh!

Antes de amanhacer estalava na casa o grito agudo que apanhava mamãe. Uma ponta da coberta descia da cama da menina. O periquito se chegava banzeiro, arrastando os pés apalhetados, segurava-se ao pano com as unhas e com o bico, subia. Os braços magros de Luciana curvavam-se sobre o peito chato, formavam um ninho. E os dois cochilavam um ligeiro sonho doce.

Minsk era também um ser disposto às aventuras e à liberdade. Agitavam-no caprichos, confusas recordações do mato, e batia as asas, alcançava a copa da mangueira, voava daí, passava algumas horas vadiando pela vizinhança. Satisfeitos esses ímpetos de selvagem, regressava, pulava dos galhos, plunhava no chão, doméstico e trópego. Se se demorava na pândega, Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero, até que ouvia duas notas estridentes, localizava o fugitivo, saía de casa como um redemoinho, empurrava as portas, estabranada:

— Quero o meu periquito.

Entrava sem cerimônia, dava buscas, voltava triunfante, com o vagabundo no ombro. Virava o rosto, enviava-lhe beijos. Minsk se equilibrava agarrando-se à alça da camisa dela, metia a cabeça no cabelo revoltado, bicava delicadamente as orelhas e o couro cabeludo.

Ora Luciana, escovada, nunca via os lugares onde pisava. Mexia-se aos repêlhos, deixava em pontas e arestas fragmentos para fugas. Pouco a tos da roupa e da pele. Tinha

além disso o mau vício de andar com os olhos fechados e de costas. Sabia que essa maneira de locomover-se irritava as pessoas conhecidas, indivíduos rancinzas, exigentes. Mas a tentação era forte. E se conseguia, de olhos fechados e de costas, atravessar o corredor e a sala de jantar, descer os degraus de cimento, chegar ao banheiro, considerava-se atilada e rejeitava as opiniões comuns. Oramismo curto. Uma pisada em falso, um choque na mesa, um trambolhão, e o orgulho se desmanchava. Um calombo aparecia no quengo engrossava, justificava as impertinências caseiras. Luciana batava a crista, humilhada. Necessário recomendar as experiências, até aceitar.

Um dia em que marchava assim pisou num objeto mole, ouviu um grito. Levantou o pé, sentindo pouco mais ou menos o que sentira no ferrão, se num caco de vidro. Virou-se, alarmada, sem perceber o que estava acontecendo. Havia uma desgraça, com certeza havia uma desgraça. Ficou um minuto perplexa, e quando a confusão se dissipou, acudiu a cabeça, não querendo entender.

— Minsk!

A afeição repercutiu na casa, ofendeu os ouvidos de mamãe, de Maria Júlia, da cozinheira, chegou ao quintal e à rua.

Minsk gritou mais baixo.

Parecia que era ela que estava ali estendida no tijolo, verde e amarela, tingindo-se de vermelho. Era ela que se tinha pisado e morria, trouxe de penas ensanguentadas. Minsk. Devia ser um sonho ruim, com lobishomens e bichos perversos. Os lobishomens iam surgir. Porque não acordava logo, Deus do céu? Saltar a janela, andar em ruas distantes, entrar na carroça de seu Adão.

— Minsk!

Ela ia existir-se, foto, importante, banzeiro, arrastando os pés, todo forçado: "Eh! eh!"

— Não morra, Minsk!

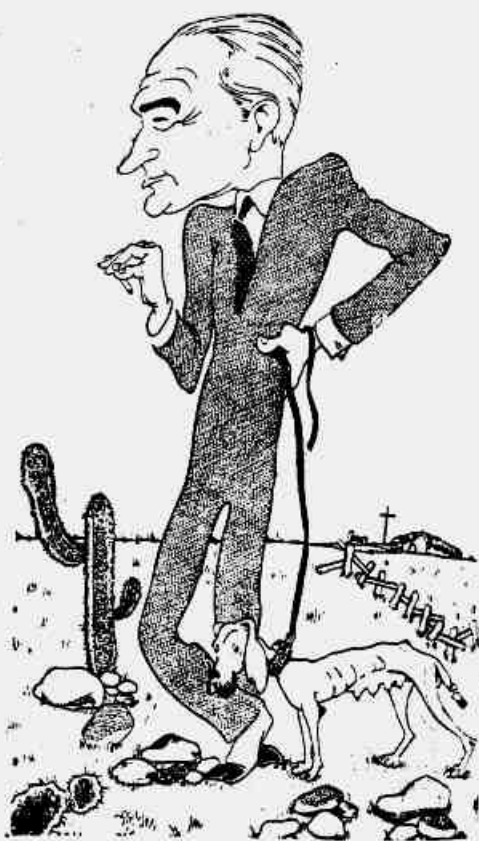
Pobrezinho. Como aquilo doía! Um bolo na garganta, um peso imenso por dentro, qualquer coisa a rasgar-se, a estalar.

— Minsk!

Ela estava sentindo também aquilo. Horrível semelhante enormidade arrumar-se no coração da gente. Por que não lhe tinham dito que o desastre ia suceder? Não tinham. Ameaças de pancadas, quedas, esfoladuras, coisas simples, sofrimentos ligeiros que logo se sumiam sob tiras de esparadrapo. O que agora havia se diferenciava das outras dores. Os movimentos de Minsk eram quase imperceptíveis: as penas amarelas, verdes, vermelhas, emoreciam por detrás dum nevoeiro branco.

— Minsk!

A mancha pequena agitava-se de leve, tentava exprimir-se num beijo: "Eh! eh!"



Graciliano Ramos, por Alvarus.

GRACILIANO RAMOS

Nasceu em 27 de Outubro de 1892, em Quebrangulo, Alagoas, filho do pequeno negociante Sebastião Ramos. Fez sua primeira educação nas escolas públicas de Buíque, Pernambuco, e Palmeira dos Índios, Alagoas, e, em 1914, estava no Rio, principando a vida de imprensa

como revisor de jornais. Em 1915 regressou à Palmeira dos Índios, fez-se comerciante, casou-se, enviuvou, tornou a casar-se. Foi eleito prefeito. Foi depois diretor da Imprensa Oficial do Estado. Veio posteriormente para o Rio, onde reside hoje.

BIBLIOGRAFIA DE GRACILIANO RAMOS

Escreveu:

Caetés — romance — 229 ps. — Schmidt: Editor — Rio — 1937.

S. Bernardo — romance — 218 ps. — Ariel Editora Ltda. Rio 1934. 2.ª ed. Livraria José Olympio — Rio 1938.

Angústia — romance — 268 págs. — Liv. José Olympio — Rio — 1934. 2.ª ed. — Liv. José Olympio — Rio — 1941.

Anguish — tradução para o inglês de Augusta, devida a str. L. C. Kaaplan — Nova York — 1946.

Vidas secas — romance —

196 ps. — Liv. José Olympio — Rio 1938.

Histórias incompletas — contos — Capa com desenho de Paya Otrover. Col. Tucano 18; 145 ps. — Livraria Globo — Porto Alegre, 1946.

Brandão entre o mar e o amor — novela coletiva da teoria de Raquel de Queiroz, José Luis do Rego, Aníbal Machado, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Directrices — 1941.

História de Alexandre — 1944.

Fontes sobre Graciliano Ramos

Aluísio de Andrade — Tendências do romance contemporâneo — Lanterna Verde — n.º 5 — 40.

A Manhã — Nomes do dia.

Autores e Livros — Nota biográfica e bibliográfica em 21-9-1941.

Carta a Murilo Miranda — Revista Acadêmica — Junho 1937.

A respeito de Graciliano Ramos — vários autores — Rev. Acadêmica — Novembro 1937.

Idem — Rev. Acadêmica — Maio 1938.

Jayme de Barros — O sr. Graciliano e Machado de Assis — Espelho dos Livros.

J. Luis do Rego — O mestre Graciliano — A Manhã — 299-10-42.

Peregrino Júnior — Caetés — Lanterna Verde — n.º 1.

Raul Lima — A propósito de Angústia — Diário de Notícias.

Renato Almeida — Lanterna Verde — n.º 2 — 104.

Yvonne Jean — Vidas secas — Diário de Notícias — 1942.

Dois dedos — Edição de luxo da Revista Acadêmica — Rio — 1947. Encerra dez episódios que são os seguintes: "Dois dedos", "O relógio do Hospital", "Paulo", "A prisão de J. Camo Gomes", "Silveira Pereira", "Um pobre diabo", "Ciumes", "Minsk", "Insônia" e "Um ladrão". As ilustrações em madeira são de Axel de Leskoschek. A tiragem foi de 280 exemplares, incluindo 55 especiais, com ilustrações em papel de arroz, e 23 fora do comércio. Todos assinados pelo autor.

FINAL DE ROMANCE

F u g a

Graciliano Ramos

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manjava o rosário, media os beijos frunzidos rezando rezas desesperadas. Encolido no banco do copiar, Fabiano espiava a catatinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garrafinhos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se ficavam, devorados pelo carapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despojava, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. Sinhá Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a tarameia. Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de portellas abertas, o carro de bois que apodrecia, os dois juncos. Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam cobras mortas, Sinhá Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos molhados — os dois meninos na frente, conduzindo troncos de roupa, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada, e a cabeça d'água, Fabiano atrás, de facão de raio e faca de ponta, a cota pendurada por uma correia amarrada ao cinturo, o alio a tiracolo, a espingarda de pedreirna ao ombro, o saco da metalagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depois do chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e rependera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A

ve a o queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adlara-a, tornara a prepará-la, e só se resolveu a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia aquela terra dura. acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto. O cavalo de fábrica, bom companelheiro, a água alada, as catigoeiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. E os pés dele estomacavam, as alpercatas clamavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo? As alpercatas chamavam de novo no caminho coberto de seixos.

Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tinha o nascente, e não queria convencer-se da realidade. Procurou distinguir qualquer coisa diferente da vermalhão que todos os dias espiava, com o coração aos baques. As mãos grossas, por baixo da aba curva do chapéu, protegiam-lhe os olhos contra a claridade e tremiam.

Os braços penderam, desanimados.

— Acabou-se.

Antes de olhar o céu, já sabia que ele estava negro num

lado, cor de sangue no outro, e ia tornar-se profundamente azul. Estremeceu como se descobrisse uma coisa muito ruim.

Desde o desaparecimento das arribações vivia desassossegado. Trabalhava demais para não perder o sono. Mas no meio do serviço um arrepiro corria-lhe o espinhaço, à noite acordava agoniado e encolhia-se num canto da cama de varas, morde pelas pulgas, conjecturando misérias.

A luz aumentou e espalhou-se na campina. Só ali principiou a viagem. Fabiano atentou na mulher e nos filhos, apanhou a espingarda e o saco dos mantimentos, ordenou a marcha com uma interjeição áspera.

Afastavam-se rápidos, como se alguém os tangesse, e as alpercatas de Fabiano iam quase tocando os calcanhares dos meninos. A lembrança da cachorra Baleia picava-o, intolável. Não podia livrar-se dela. Os manducos e os alastrados vestiam a campina, espinho, só espinho. E Baleia apertava-o. Precisava fugir daquela vegetação inimiga.

Os meninos corriam. Sinhá Vitória procurou com a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os pelos, mas, com o movimento que fez o baú de folha pintada lá caído. Aprumou-se e endireitou o baú, remexeu os beijos numa oração. Deus Nosso Senhor protegia os inocentes, Sinhá Vitória fraguejou, uma ternura imensa encheu-lhe o coração. Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar com o marido por monossilabos. Apesar de ter boa ponta de língua, sentia um apêro na garganta e não poderia explicar-se. Mas achava-se desamparada e míluda na solidão, necessitava um apoio, alguém que lhe desse coragem. Indispensável ouvir qualquer qualquer som. A manhã, sem pássaros, sem filhas e sem vento, progredia num silêncio da morte. A faixa vermelha desaparecia, diluía-se no azul que enchia o céu. Sinhá Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacari, secando, morrendo. Querria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e aquilo tudo, a queintera medonha, as árvores transformadas em garrações, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que faziam carniça. Faleu no passado, com o futuro.

Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido?

Fabiano hesitou, coçou a barba e resmungou, como fazia sempre que lhe dirigiam palavras incompreensíveis. Mas achou bom que Sinhá Vitória tivesse puxado conversa. Ia num desespero, o saco da comida e o alio começavam a pesar excessivamente. Sinhá Vitória fez a pergunta. Fabiano matutou e andou bem meia légua sem sentir. A princípio quis responder que evidentemente eles eram o que tinham sido; depois achou que estavam mudados, mais velhos e mais fracos. Eram outros, para bem dizer. Sinhá Vitória insistiu. Não seria bom tornarem a viver como tinham vivido, muito longe? Fabiano agitava a cabeça, vacilando. Talvez fosse, talvez não fosse. Cochicharam uma conversa longa e entrecortada, cheia de malentendidos e repetições. Viver como tinham vivido, numa casinha protegida pela bolandeira de seu Tomas. Discutiram e acabaram reconhecendo que aquilo não valeria a pena, porque estavam sempre assustados, pensando na seca. Aproximavam-se agora dos lugares

habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre à toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrava-se com a idéia de se dirigir a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. Sinhá Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para trás? Os animais estavam mortos. Encarquilhou os pálpitos contendo as lágrimas, uma saudade grande espremeu-lhe o coração, mas um instante depois vieram-lhe ao espírito figuras insuportáveis: o patrão, o soldado amarelo, a cachorra Baleia interligada junto às pedras no fim do pátio.

Os meninos sumiam-se numa curva do caminho. Fabiano adiantou-se para alcançá-los. Era preciso aproveitar a disposição deles, deixar que andassem à vontade. Sinhá Vitória acompanhou o marido, chegou-se aos filhos. Dobrando o cotovelo da estrada, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinham vivido alguns anos; o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia esmoreceram no seu espírito.

E a conversa recomeçou. Agora Fabiano estava meio otimista. Endireitou o saco da comida, examinou o rosto carnudo e as pernas grossas da mulher. Bem. Desejou fumar. Como segurava a boca do saco e a coronha da espingarda, não pôde realizar o desejo. Temeu arrear, não prosseguir na caminhada. Continuou a tagarelar, agitando a cabeça para afastar uma nuvem que, vista de perto, escondia o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia. Os pés calcosos, duros como cascos, metidos em alpercatas novas, caminhariam meses. Ou não caminhariam? Sinhá Vitória achou que sim. Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de Sinhá Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio. Era. Estava boa, estava talada, poderia andar muito. Sinhá Vitória riu o balçou os olhos. Não era tanto como ele dizia não. Dentro de pouco tempo estaria magra, de seios bamboes. Mas recuperaria carnes. E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. Fabiano estirou o corpo, duvidando. Sinhá Vitória combateu a dúvida. Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomas da bolandeira? Fabiano coçou a testa: lá vinham os despropósitos. Sinhá Vitória insistiu e

dominou-o. Porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.

— O mundo é grande. Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande — e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos, que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estavam pensando? zumbiu Sinhá Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rousou uma objeção. Menino é bicho míludo, não pensa. Mas Sinhá Vitória renovou a pergunta — e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.

— Vaquejar, opinou Fabiano. Sinhá Vitória com uma careta enfiada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que idia! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catatinga onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bons para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se iam muito longe, adotariam costumes diferentes.

Fabiano ouviu os sonhos da mulher, deslumbrado, relaxou os músculos, e o saco da comida escoregou-lhe no ombro. Aprumou-se, deu um puxão à carga. A conversa de Sinhá Vitória servia muito: haviam caminhando léguas quase sem sentir. De repente veio a fraqueza. Devia ser fome. Fabiano ergueu a cabeça, piscou os olhos por baixo da aba negra e queimada do chapéu de couro. Meio-dia, pouco mais ou menos. Baixou os olhos escandados, procurou descobrir na planície uma sombra ou sinal d'água. Estava realmente com um buraco no estômago. Endireitou o saco de novo e, para conservá-lo em equilíbrio, andou pendido, um ombro alto, outro baixo. O otimismo de Sinhá Vitória já não lhe fazia mossa. Ela ainda se agarrava a fantasias. Cotada. Armar semelhantes planas, assim bambo, o péso do baú e da cabeça enterrando-lhe o pescoço no corpo.

Foram descansar sob os garrações numa quixabeira, masugaram punhidos de farinha e pedaços de carne, beberam na cúa uma goles d'água. Na testa de Fabiano o suor secava, misturando-se à poeira que

enchia as rugas fundas, embebendo-se na corria do chapéu. A tontura desaparecera. O estômago sossegara. Quando partissem, a cabeça não envolveria o espinhaço de Sinhá Vitória. Instintivamente procurou no descampado indicio de fonte. Um friozinho agudo arrepiou-o. Mostrou os dentes eijos num riso infantil. Como podia ter frio com semelhante calor? Ficou um instante assim, besta, olhando os filhos, a mulher e a bagagem pesada. O menino mais velho esbragava um osso com apetite. Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia, outro arrepiou correu-lhe a espinha, o riso besta tremeceu.

Se achassem água ali por perto, beberiam muito, sairiam cheiros, arrastando os pés. Fabiano comunicou isto a Sinhá Vitória e indicou uma depressão do terreno. Era um bebedouro, não era? Sinhá Vitória esdrúou o beijo, indecisa, e Fabiano afirmou o que havia perguntado. Então ele não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades? Se a mulher estivesse concordando, Fabiano atreperia, pois lhe faltava convicção; como Sinhá Vitória tinha dúvidas, Fabiano exaltava-se, procurava intrucir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o, mentia sem saber o que estava mentando. E Sinhá Vitória excitava-se, transmitia-lhe esperanças. Andavam por lugares conhecidos. Qual era o emprego de Fabiano? Tratar de bichos, explorar os arredores, no lombo dum cavalo. E ele explorava tudo. Para lá dos montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planície, tinha de cor plantas e animais, buracos e pedras.

Os meninos detitaram-se e pegaram no sono. Sinhá Vitória pediu o binga ao companelheiro e acendeu o cachimbo. Fabiano preparou um cigarro. Por enquanto estavam sossegados. O bebedouro indeciso tornara-se realidade. Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se. Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica. Ia morrer certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com eles, transportaria a bagagem. Algum tempo comeria folhas secas, mas além dos montes encontraria alimento verde. Infelizmente perencia ao fazendeiro — e definava, sem ter quem lhe desse a razão. Ia morrer o animal, lazarento e com espavados, num canto da cerca, vendo os urubus chegarem barzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que

(Continua na pag. 28)

Para Mucio Lazo,
Amo a amizade e o trabalho
Admirado de
Graciliano Ramos
Rio - 1941

Autógrafo de Graciliano Ramos.

SONETOS DE OLAVO BILAC

Othello

A' GIOVANNI EMANUEL

Être surmaturel, feroce et noir! fantôme,
Je t'avais vu passer jusqu'alors... Maintenant,
Tu me le fais comprendre: Othello est un homme...
Et bien! j'ai rencontré mon Othello vivant!

Ah j'ai une comme toi! Je sens ta jalousie,
Et ma bouche rugit quand je t'entends rugir!
Et puisque j'ai vécu un moment de ta vie,
Merci! tu peux partir! et moi... je peux mourir!

Parle! va-t'en! Mais toujours, comme au fond d'un abîme.
Brille une étoile d'or, ta mémoire sublimine
Ineffaçablement brillera dans mon cœur...

Je garderai ta voix dans mon âme écrasée!
Je garderai dans mon oreille épouvantée
L'inénarrable cri de ta grande douleur...

5 de Agosto de 1887.

Fedora

A SARAH BERNARDT

Angel! Femme! Démon! Au fond de tes prunelles
Grand et se tord l'enfer comme un mer en feu,
Et le ciel rayonnant sourit tranquille et bleu,
Plein de nuages d'or, plein d'étoiles et d'ailles.

Tout à tour caressante et blasphème, ta bouche
A le trait du dédain et le trait de l'amour;
Et ta flegmeuse main sait semer tout à tour
Le genreux pardon, la vengeance farouche.

Angel! Femme! Démon! Songe de Poe! Ta voix
Chante, pleure, dit: meurs! et je t'aime! — à la fois...
Elle a plongé sans peur au fond hideux de l'âme...

Tu sais tous les secrets des abîmes du cœur,
O toi, que sais meier, pour montrer ta douleur,
Le cri d'une femme aux sanglots d'une femme!

A Semana — 10 de Julho de 1880.

NAUS FRANCESAS...

(Continuação da pag. 19)
ss nuns lbs três tres tiros da
canhão e tres vezes toda a ou-
tra artilharia: o de noice car-
regou tanto o vento lesseuete,
que nam pude jogar sem ar-
tilharia meuda; e com ella pe-
lejamus toda a noite.
Quinta-feira 2 de Fevereiro
em rompendo a alva mandei
hum martinheiro ao mastro,
grande ver se via o capitam I,
ou os outros navios, e me disse,
que via lá a vela, que nam
diferença se era latina, se re-
donda. E desde as sete horas
do dia até o sol posto, que ren-
demos a nao, pelejamus sem-
pre. A nao me deo dentro na
caravela trinta e dous tiros
quebrou-me muitos aparelhos e

rumpeu-me as velas todas. Es-
tando assi com a nao tomada
cheguei o capitam I, com os
outros navios: logo abalroei
com a nao e entrei dentro; e
o capitam I, abalroou o meu
navio. A nao vinha carrega-
da de Brasil; traxa muita
artilharia, e outra muita mu-
nição, de guerra: por lhes fal-
tar pólvora se deram. Na nao
nam demora mais que hua bom-
barde, com hum pedreiro ao
lume d'agua: com a artilharia
meuda lhe ferimos seis homens:
e a caravela me nam mataram
nem feriram n'hum homem,
e que dei muitas graças ao
senhor Deus.

(Do Diário de Navegação)

FINAL DE ROMANCE

(Conclusão da pag. 27)
ameaçavam os blocos pontudos
as olhos de criaturas vivas,
horrorizou Fabiano. Se elas
tivessem paciência, comeram
tranquilamente a carne. Não
tinham paciência, aquelas pes-
tes vorazes que voavam lá em
cima, fazendo curvas.

— Pestes.

Voavam sempre, não se po-
dia saber donde vinha tanto
urubu.

— Pestes.

Olhou as sombras movediças
que enchiam a campina. Tal-
vez estivessem fazendo círculos
em redor do pobre cavallo es-
morecido num canto da cerca.
Os olhos de Fabiano se umede-
ceram. Coitado do cavallo. Es-
tava magro, pelado, faminto, e
arredondava uns olhos que pa-
reciam de gente.

— Pestes.

O que indignava Fabiano
era o costume que os miserá-
veis tinham de atirar bicadas
aos olhos de criaturas que já
não se podiam defender. Er-
guesse-se assustado, como se
os bichos tivessem decido do céu
amul e andassem ali perto, num
vão baixo, fazendo curvas ca-
da vez menores em torno do
seu corpo, de Sinhá Vitória e
dos meninos.

Sinhá Vitória percebeu-lhe a
inquietação na cara torturada

e levantou-se, também, aco-
dou os filhos, arrumou os pi-
cuals. Fabiano retomou o car-
rego. Sinhá Vitória desatou-se
a correria presa ao cinturão
tirou a cula e emborcou-a na
cabeça do menino mais velho,
sobre uma rodilha de molambo.
Em cima pôs uma trouxa.
Fabiano aprovou o arranjo, sor-
riu, esqueceu os urubus e o
cavallo. Sim senhor! Que mu-
lher! Assim ele ficaria a carga
aliviada e o pequeno teria um
guarda-sol. O peso da cula era
uma insignificância, mas Fa-
biano achou-se leve, pisou rijo
e encaminhou-se ao bebedouro.
Chegariam lá antes da noite,
beberiam, descansariam, conti-
nuariam a viagem com o luar.
Tudo isso era duvidoso, mas
aquella consciência. E a con-
versa recommçou, enquanto o
sol descambava.

— Tenho comido toucinho
com mais cabelo, declarou Fa-
biano desafiando o céu, os es-
pinhos e os urubus.

— Não é? murmurou Sinhá
Vitória sem perguntar, apenas
confirmando o que elle dizia.

Pouco a pouco uma vida no-
va, ainda confusa, se foi es-
boçando. Acomodar-se-iam num
sítio pequeno, o que parecia
difficil a Fabiano, criado sóto
no mato. Cultivariam um pe-
daço de terra. Mudar-se-iam
depois para uma cidade, e os

(Cont. da pag. 23)

diondo volátil facilmente en-
tendera a minha pergunta.
se bem que a sua respos-
ta não tivesse um sentido per-
feito nem me desse grande ex-
plicitação; mas devemos convir
que a homem algum jamais
foi dado ver uma ave ou animal
qualquer, poisado no
busto esculpido em cima da
porta de seu quarto, chama-
se — Nunca mais.

E o corpo empedreado, sal-
ientemente negro e solitário, no
busto branco e imóvel, proferia
essas unicas palavras, como se
nelas espalhase sua alma
toda. Nada mais pronunciou,
nem agitou uma pena sequer,
até que eu murmurasse comigo
mesmo: Há muito tempo que
me abandonaram outros ami-
gos; ele deixar-me-á também
ao alvorecer do dia, como as
minhas esperanças de ou-
trora... A ave repetia: ainda:
Nunca mais!

Estremeci ao ouvir essa res-
posta, dada com tanta justeza,
e exclamei: Sem dúvida, o que
esta ave pronuncia é toda a
bagagem de seu saber, que re-
cebera em casa de qualquer
desamparado da fortuna, que a
implacável Desgraça, persis-
tentemente, sem tréguas, per-
seguiu, até que as suas can-
ções não tivessem mais que um
só estríbilho, a ré que o De-
profundo da sua esperança to-
masse este melancólico estrí-
bilho: Nunca mais.

Mas, sempre interessado e
curioso, ruli imediatamente a
poltreira para perto da ave, do
busto e da porta: e, enterran-
do a cabeça no espaldar avul-
dado, esfomei-me por enca-
dejar as idéas, indagando a
razão porque esta hedionda,
triste, magra e sinivra ave,
digni dos primeiros dias da
criação, fazia-me ouvir, croci-
tando, estas palavras: Nunca
mais.

Assim me concentrei, senhan-
do, conjecturando, mas não di-
zia uma palavra sequer a essa
ave, cujo silhar, ardido como
um claro do inferno, qui-
mava-me profundamente os
refolhos do coração. Procurei
por muito tempo atinar com
a razão d'isto e de mais
algum mistério, repousan-
do a cabeça, negligentemen-
te, no espaldar da poltrona, que
a luz da lampada acendia, este
veludo resaca sobre o qual,

no morno clarão dessa mesma
lampada, tantas vezes ela re-
pousara a cabeça de anjo, e
agora... nunca mais!

Percebi-me então que se
toldava o ar, embalsamado por
um turíbulo invisível que os
serafins agitavam e cujas asas
apenas esboçavam o tapete do
quarto. Desgraça! bradeli con-
tra mim mesmo, o Deus, de sua
crença, por intermédio de seus
anjos, envia-te repouso e es-
quecimento às saudades e an-
gustias que te ralam o seio...
Embraga-te, pois, neste ar sa-
turado dos perfumes do céu, e
esquece para o todo sempre a
tua morte! Lenora. O corvo
grasou: Nunca mais!

Profeta! — exclamei, — nú-
cio da desgraça! ave ou de-
monio, mas sempre profeta!
por este céu acruado sobre
nossas cabeças, por este Deus
que ambos nós adoramos, res-
ponde à minha alma, sobrecar-
regada de dor, se, no paraíso
longínquo, elle poderá algum
dia abraçar uma virgem santa
que os anjos no céu chamam
Lenora, uma tela e honesta
virgem que me abandonou no
mundo para cantar no céu en-
tre os chœurs místicos dos an-
jos... O corvo respondeu:
Nunca mais!

Ave ou demônio, essa respos-
ta é o sinal da nossa eterna
separação. — Engolfa-te,
pois, na tempestade, volta as
caliginosas praias das regiões
infernaes: não deixes cair aqui
uma pena sequer como lem-
brança da mentira que profe-
riste: abandonas esta inviolada
solidão, deixa este busto, ar-
ranta o teu bico e as tuas gar-

ras de meu coração e precipi-
ta-te para longe desta morada.
— O corvo respondeu: Nunca
mais!

E o corvo, imóvel, instalou-
se, para todo o sempre, sobre a
livida busto de Pallas, que en-
cimava a porta do meu quarto,
e os seus olhos, cortados de
quando em quando por um si-
nistro clarão do inferno, seme-
lhavam-se aos olhos de um de-
monio que sonha: a luz da
lampada, estabendo sobre ele,
projeta-lhe a sombra no soalho
e, para fóra do círculo desta
sombra, que jaz flutuante
sobre o soalho, nunca mais po-
derá errar-se minha alma,
nunca mais!

(O Mequetrefe, 20-4-1885)

Trovas

Se tu vens, que maravilha!
Um novo sol se levanta.
Parece que tudo brilha,
Parece que tudo canta.

Só creio no Paraíso,
De que o Profeta falou,
Porque a flor do teu sorriso
Para mim desabrochou.

Saudade que ainda espera,
Não é saudade: é lembrança.
— Saudade só é saudade
Quando não tem esperança.

M.

A noite na BOITE!



e em qualquer
lugar em
que estiver

Peça
SALUTARIS
WHISKY COM SALUTARIS, UMA BEBIDA DELICIOSA